

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA MATOS DROSDEK

REFLEXÕES, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA
LIBERTÁRIA

MATINHOS

2020

PRISCILA MATOS DROSDEK

REFLEXÕES, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA
LIBERTÁRIA

Artigo apresentado como requisito parcial de conclusão do curso de especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientadora: Prof^a MSc. Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2020



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Paraná
 Setor Litoral
 Curso de Especialização em Alternativas para
 uma Nova Educação



TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILA MATOS DROSDEK

REFLEXÕES, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA LIBERTÁRIA

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Priscila Matos Drosdek

Prof(a). MSc. Susan Regina Raittz Cavallet

Orientadora

Prof(a). Dra. Lenir Maristela Silva

Prof. Dra. Francéli Brizolla

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

REFLEXÕES, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA EDUCADORA
LIBERTÁRIA: **UMA NARRATIVA PESSOAL.**

RESUMO

Diante de inúmeros colapsos e intensas transformações as quais temos vivenciado na Terra, temos a urgência de renovar-nos enquanto espécie humana. Não é nova a necessidade de reinventar o ser humano sobre a Terra, apesar desse debate ainda não ser comum. Para avançar em consciência humana planetária precisamos nos advertir com os campos subjetivos, de mudanças de geração, compreensão das relações humanitárias, econômicas, de identidade, representatividade, virtuais, etc,. Mudanças essas que temos longo caminho a seguir, mas que acreditamos ser possível com a propagação de iniciativas individuais, potenciais para o coletivo. Nada disso é uma imposição da melhor forma de ser vivente e, sim, uma opção tentando ser responsável com o todo. A escolha é individual, mas a ética é humana nas suas múltiplas dimensionalidades.

Palavras-chave: Projeto Ação Vagalume. As Três Ecologias. Alternativas para uma Nova Educação. Multidimensionalidade.

RÉFLEXIONS, MÉMOIRES ET QUESTIONS D'UNE ÉDUCATRICE LIBERTAIRE:
Un récit personnel.

ABSTRAIT

Face aux innombrables effondrements et intenses transformations que nous vivons sur Terre, nous avons le besoin urgent de nous renouveler en tant qu'espèce humaine. La nécessité de réinventer l'être humain n'est pas une nouveauté, bien que ce débat ne soit pas encore courant. Pour progresser dans la conscience planétaire humaine, nous devons nous mettre en garde avec les champs subjectifs, de changements de génération, de la compréhension des relations humanitaires, économiques, identitaires, représentatives, virtuelles, etc. Des changements dans lesquels nous avons un long chemin à parcourir, mais que nous croyons possible avec la propagation d'initiatives individuelles, potentielles pour le collectif. Rien de tout cela n'est une imposition d'une meilleure façon de vivre, mais une option en essayant d'être responsable avec l'ensemble. Le choix est individuel, mais l'éthique est humaine dans ses multiples dimensions.

Mots-clés: *Projet Ação Vagalume*. Les trois écologies. Alternatives pour une Nouvelle Education. Multidimensionnalité.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito por meus pais estarem junto de mim nos momentos mais difíceis e nos bons momentos também. Sem meu pai o Vagalume nunca teria existido, ele sempre acreditou, apoiou, tentou entender, se colocou disposto, criticou, saiu e voltou. Um amante da natureza, buscador, multifacetado, alegre, teve uma época que era muito irritado, mas sempre foi perspicaz e sensível. Vejo alguns dos seus preceitos um pouco distorcidos, mas ele tenta se desconstruir e percebi muitos avanços durante o processo de construção do projeto. Minha mãe sempre preocupada com pensamentos que eu, filha sem filhos, não tenho nem ideia de como pode ser. Mãe atenta com minha saúde, com meus sentimentos, ouvinte das minhas divagações. Sempre foi uma professora muito dedicada, da qual me foi inspiração para seguir na docência. Minha irmã muito otimista, forte e dinâmica sempre se colocou presente em todo esse processo, agradeço por se colocar ao meu lado. Tentamos equilibrar nossos entendimentos sobre nossa relação e por mais dúvidas que existam, o amor incondicional é a única e sempre será a língua que nos faz comunicar melhor. Amo demais minha família e sou grata por serem quem são.

Agradeço enormemente às minhas queridas orientadoras. A Prof^a Susan Cavallet dedicou seu precioso tempo para me ajudar a superar fantasmas internos que tive durante processo de escrita, ela esteve presente em outros momentos importantes nesses três anos. Nunca esquecerei da nossa conversa por telefone em que me contou o quanto teve que ser ousada para ser ouvida em um ambiente cheio de homens. Nutro um carinho, gratidão e uma admiração imensa por essa mulher maravilhosa. A Prof^a Lenir Maristela, uma mulher incrível que possui uma trajetória que respeito muito, se diz durona, mas quem a conhece sabe que é um doce: “Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás”. Ambas foram muito pacientes e respeitaram minhas dificuldades. Sou muito grata e sem elas não teria conseguido. Agradeço a grandiosa Prof^a Sônia Goulart por ser uma das idealizadoras da Conane, um espaço tão maravilhoso que nos possibilita adentrar no reconhecimento de alternativas para uma nova educação e sonhar com um mundo em que a educação libertadora seja uma prática recorrente.

Agradeço as minhas/meus companheiras/os de Ação Vagalume, sem eles o projeto jamais teria acontecido, pois “Sonho que se sonha só, é só um sonho,

sonho que se sonha junto, é realidade”. Preciso deixar meu agradecimento em especial para minhas amadas amigas que listo por ordem cronológica, de participações nas vivências e reuniões: Gabriela Viola, Fábio Selvo, Mayara Vieira, Matheus Oliveira, Gabriele Lima, Juliana Zacarias, Lila Andere, Jatobá, Marilene Tai Chi, Victória Caetano, Andrey Correia, André Luiz, Rebeca Alves, Jaqueline Belo, Alisson Straube e Bianca Rocha. Cada uma/um foi fundamental para o desenvolvimento, para o crescimento e enriquecimento do projeto. A doação do tempo, o papel do voluntariado, de botar a mão na massa, a dedicação, a responsabilidade, as ideias para aprimorar, as viagens, as reuniões, o amor. Quando dei início ao projeto não imaginava que encontraria parcerias que acreditassem tanto no sonho de transformação. Serei eternamente grata à solidariedade desses amigos que guardo com muito carinho em meu coração.

Meu companheiro Márcio, que teve muita paciência diante das minhas dificuldades durante a escrita desse memorial. Que se adequou a eu escrever mesmo durante nosso mochilão de um mês pela Bahia. Sinto muito por ter sido tão enrolada.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	DA ESCOLA À UNIVERSIDADE	9
3.	CONANES E ENCONTRO DE EDUCADORES	19
a.	I Conane Caiçara Morretes.....	20
b.	II Conane Caiçara.....	22
c.	Atuação na escola	24
d.	Encontro de Educadores na Corta Vento	26
4.	ANE – ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO	27
a.	Participação ANE em reunião pedagógica Colégio Chico Mendes ...	30
b.	Visita ao Assentamento José Lutzemberg – Antonina-PR	31
c.	Construindo pontes com a Comunidade Indígena Araçá-Í	32
d.	Colégio Estadual Chico Mendes e Aldeia Araçá-Í	34
e.	Encontro final ANE 2017	36
f.	Segunda turma ANE 2018	37
g.	Pró-CREP – Palhoça - SC.....	39
h.	Vivência em Ibiúna – SP.....	40
i.	Encontro final ANE 2018.....	41
j.	III Conane Caiçara 2019	43
5.	PROJETO AÇÃO VAGALUME.....	47
a.	Manifesto Educadores Vagalumes	60
6.	REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO	64
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

1. INTRODUÇÃO

A oportunidade de escrever um relato memorizando minhas experiências de um tempo importante, me foi possibilidade única de traduzir em palavras várias situações de vida. Fiz desse memorial praticamente um diário, em que conto trajetórias, reflexões, aprendizados sobre inúmeras situações. Posso parecer Eu-Eu, mas parto do pressuposto do conhecimento EU-OUTRA/O o que ajudou a me autoconhecer. Quem sabe trago, em minhas inquietações, certas reflexões que também te façam tomar conta de si e do entorno? Quem sabe possamos suscitar indignação e participação? Crítica e organização? Comunidade e coletivo?

Nada é mais importante que a vida, nosso dever biológico, já diria Pepe Mujica em seu discurso na ONU em 2013. Vamos defender a vida com dignidade! Utópico, sonhador, impossível? Pode ser. Mas se essa é a vida que temos, tentaremos a trancos e barrancos por fazê-la possível ao maior número das gentes, principalmente as mais oprimidas.

“Uma conta regressiva contra a natureza e contra a humanidade, como futuro. Civilização contra a sensibilidade, contra a sobriedade, contra todos os ciclos naturais, mas e o pior: civilização contra a liberdade que se supõe ter tempo para viver das relações humanas; o único transcendente: é o amor, a amizade, a aventura, a solidariedade, a família. Hoje é tempo de começar a trabalhar para um mundo sem fronteiras, a economia globalizada não tem outra condução do que o interesse privado de pouquíssimos. Portanto a grande tarefa para nosso povo e nossa humilde maneira de ver, pode parecer tolo. Seria perigoso conseguir grande consciência planetária, para desatar solidariedade e ajudar os mais oprimidos, pois castigam-os impositivamente para dar abertura à especulação. Mobilizar as grandes economias; não para criar incontáveis obsolescências calculadas, inúteis, apenas frivolidades, se não para ajudar a levantar os mais pobres do mundo. Sim! A alta política entrelaçada com a sabedoria da nossa época é contentosamente revolucionária como não havia conhecido a história da humanidade, mas não tem condução consciente, ao menos, condução simplesmente instintiva, muito menos, todavia, condução política organizada, porque nem se quer tivemos filosofia precursora diante da velocidade com que as mudanças ocorreram. Precisamos governar-nos a nós mesmos ou sucumbiremos! E este é o nosso dilema. Pensemos na fome, na civilização dos resíduos, uma civilização de não sentir, que

é o que está tirando o tempo de vida humana, mal gasto, desperdiçado em questões inúteis. Pensem que a vida humana é um milagre, que estamos vivos por milagre e nada vale mais do que a vida, que é nosso direito biológico. Por cima de todas as coisas, respeitar a vida e impulsioná-la.“

Em um contexto de intensa deterioração e perturbação, ainda recaímos nos padrões como saída possível; por serem conhecidos, amplamente divulgados repetidamente atuados, enfim convencionados. Mas esse novo tempo não tem muita cara de velho não, traz algumas performances inéditas, que podem parecer estranhas ao olhar mais desatento. Para aquele que quer permanecer no conforto de seus privilégios (como sempre na história), essa é uma enorme ameaça! Por isso, esse movimento é de constante embate, no macro e no micro. É política!

Na primeira parte narro minha vida, minhas curiosidades, independências, experiências de juventude. Na segunda parte conto minha trajetória na ANE (Alternativas para uma Nova Educação), meus relatos nas vivências oportunizadas por essa rede de engajamento e solidariedade, na terceira parte tento organizar um pouco do que seria o projeto de minha criação, o Ação Vagalume. Meu perfeccionismo e meu apego com a tentativa de transpor nas palavras o que sinto, fez desse memorial um caderno de recordações reflexivas. Todas de extrema importância para mim, mas ninguém é obrigado (a) a ler a não ser minhas orientadoras.

Para a criação do Projeto Ação Vagalume nos concentramos no entendimento do “transtorno de falta de natureza”. Todos somos dependentes da natureza, estar em meio dela é, por si só, um processo de cura. Crianças e adolescentes que não têm e não tiveram muito contato com a mata, possuem medos criados por um imaginário que não existe. Muitas delas podem até não ter medo, mas nunca tiveram acesso por “n” motivos do contexto urbano, principalmente aquelas em situação de maior vulnerabilidade. Precisamos evocar essa dimensão como prioridade, a fim de possibilitar ao maior número de pessoas a possibilidade de se colocar frente a alguma natureza.

2. DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

Começo a contar minha trajetória a partir do período escolar. Sou filha da mãe Mara, professora de português há anos na escola pública estadual do município de São José dos Pinhais e do pai João formado em Contabilidade que também atuou como professor na escola técnica do Estado. Ela gaúcha, ele catarinense, vieram de famílias pobres de agricultores, cada qual com seu jeito de vivenciar a fome. Conheceram-se em Curitiba onde se apaixonaram e, novamente, cada qual com suas dificuldades, acessaram a universidade. Com muito trabalho, sei que eles fizeram de um tudo para que eu e minha irmã tivéssemos uma condição de vida material possível para nos inserir em meio à ideologia dominante de modo de vida. Sabia-se que fazer parte desse mundo somente seria possível a partir do trabalho, fato que me fez trabalhar e assumir responsabilidades desde os 13 anos. Sempre fui estudante de escola pública, inclusive essa era uma defesa dos meus pais, pois segundo meu pai aprenderíamos a vida como ela é e em sua diversidade. Fui muito cobrada a estudar, mas posso dizer que era mediana em minhas avaliações e estive na sala da orientação pedagógica algumas vezes por indisciplina, apesar de ser meio calada me pervertia facilmente às saídas da classe. Lembro-me de poucas coisas do que deveria ter aprendido a partir do currículo escolar, mas minha memória insiste em resgatar palavras ou conceitos da ensinagem como o valor de Pi (3,1416... – só lembro até aí), o memorex da fórmula ($x=v.t$) com a palavra chevette e que durante a história existia o Feudalismo. Com um aprender baseado em saber decorar, criei um bloqueio com relação às provas, apesar de entender na hora da explicação, ficava com mil dúvidas durante a avaliação. Esse sistema de ensino só não se mostrou completamente ineficiente devido ao capital cultural¹ adquirido através da minha família e por ter estudado em um dos colégios que mais possibilitava autonomia: o Colégio Estadual do Paraná. Apesar do sistema ser o mesmo, com salas de aula, estudantes enfileirados, disciplinarização, janelas altas, quadro negro, chamada por número, professor assumindo o centro, a frente da sala e do conhecimento; pude acessar outros mundos ao ir de ônibus

¹ Conceito de capital cultural para Pierre Bourdieu, capital simbólico, estrutura escolar reproduz o capital ensinado pela família

de SJP a Curitiba, ao conhecer amigos de várias regiões da cidade e da região metropolitana, ao ver o/a diferente, ao ser provocada a pensar fora da caixa nas aulas de filosofia (na época era a única escola pública a oferecer filosofia), ao ter aulas práticas nos laboratórios de biologia, física, química e na escolinha de artes, a ter aulas de natação! Olha que privilégio estudar natação na escola pública?! Assim foi me despertando uma curiosidade sobre o conhecimento, não apenas o saber formal mas, e principalmente, o informal. Apesar de pais que sempre me incentivaram a leitura (mesmo que algumas vezes não tinha a opção de não ler as “páginas amarelas” da revista Veja), fui gostar de ler ao ser pressionada pelo vestibular, com a sensibilidade do livro “Terras do sem fim” de Jorge Amado. No 3º ano do Ensino Médio eu já fazia o cursinho popular e gratuito “Em Ação” aos sábados e domingos o dia inteiro. Não passei em Biologia. No ano seguinte, trabalhava e pagava um cursinho para tentar só a Federal novamente, estudei, me dediquei, participei de simulados, etc., enfim, não passei em Desenho Industrial (nunca soube desenhar, mas eu achava que me encaixava mais com o jeito das pessoas daquela área). Com essas duas tentativas frustradas eu já me considerava alguém que não se adequaria ao modelo: estudo-trabalho-casa-carro-marido-filhos-padrões.

Lá estava eu trabalhando em uma loja de fotografias quando minha amiga do CEP (Colégio Estadual do Paraná) me falou de trabalhar na França. Eu teria trabalho como babá assim que conseguisse falar o francês, ganharia em euro e teria uma possibilidade diferente de vida, já que universidade não era para mim. Sendo assim, fiz algumas aulas particulares de francês, comprei um livrinho com frases prontas, comprei as passagens, pedi demissão, juntei todas as minhas economias, meus pais me deram 300 euros e eu fui, ilegal. Ao chegar em Paris, aos 19 anos, fui aprendendo o que de fato era vida dura. O contato com outras culturas me ejetou do seio familiar e cheio de cuidados para a dimensão da coragem, da curiosidade, do novo e da “vida louca”, mesmo com a responsabilidade devida para com a missão a que tinha me proposto ao ir para a França, finalmente me sentia totalmente livre para ser quem eu queria ser. Liberdade? De que jeito se eu não tinha dinheiro para ser realmente livre e também não tinha papéis para viajar. Quem eu queria ser? Não sei. Mas pude exercer algo próximo ao que era essencial para aquela época, pois eu tinha um caminho, sempre tive sonhos, muitos deles grandiosos e não estavam

necessariamente atrelados a ganhar dinheiro. Um deles era trabalhar na ONU e fazer trabalho humanitário na África, que inocente eu era.

Em um ano de muitas provações, passei fome, dormi na rua, roubei por luxo de ter uns cd's, umas roupas, mas também por fome. Fui pega não pagando a passagem de metrô e quase fui deportada a não ser ter uma batida policial muito maior em que a mulher do controle me dispensou fingindo acreditar que eu era da polícia federal. Senti-me humilhada ao comer na rua (infelizmente foi assim ao receber meu primeiro prato de comida). Por mais que eu estivesse reivindicando liberdade, eu era apenas mais uma imigrante, presa ao estigma de ser brasileira. Aos poucos fui aprendendo o que é solidariedade entre os que sofrem com a opressão e meu orgulho foi sendo diminuído pela necessidade. Percebi que não eram em todos os espaços que poderia me identificar como brasileira para não ser facilmente confundida com prostituta. Mesmo com muito medo, aceitei pouso em casas de desconhecidos, alguns deles de países como Senegal, Nigéria e Portugal e pela sorte ou "auhasard" ao azar como se diz em francês "por acaso", nunca tive meu corpo violado. Só faço o adendo por ser essa uma questão fundamental de ser mulher no mundo, sua potência, seu eu "apenas" pode ser visto como objeto de desejo, usurpação, vampirização pelo olhar de um homem. Sei que todos esses que me ajudaram queriam "algo mais" de mim, o fato de eu ter aprendido a sagacidade por ser mulher me ajudou a sair de todas as situações praticamente ilesa. Por bem fiz amigos, que com muito carinho, guardo lembranças por terem compartilhado suas histórias e também me servido comida (mesmo o pouco que tinham - com alguns descontruí o fato de comer no chão). Depois desse período trabalhei como babá, ao aprender o francês (através da inserção na cultura local, ajuda da minha amiga, músicas e o museu de arte moderna, o Pompidou) já conseguia me comunicar e consegui trabalho antes de finalizar o 3º mês, mês esse que vencia meu visto de turista na França. Tive pessoas extremamente solidárias em todo esse processo, uma delas em particular, minha mãe cubana que nos abrigou (a mim e minha amiga) por quase dois meses. Eu trabalhava como babá de duas crianças que me ajudaram a amadurecer, eram duas famílias diferentes das quais eu me identificava mais com a família da Margot. A Christine, mãe da Margot, trabalhava em uma editora que namorava com o Xavier, dono de uma das antenas da Tour Eiffel. Ela gostava de mim, e logo tomou a confiança de me entregar a chave da casa para que eu

fizesse a limpeza também. Eu ganhava por 3 horas de limpeza na diária, mas trabalhava 6/7 horas sem que a Christine soubesse, pois eu não conseguiria limpar aquela casa imensa e passar toda aquela roupa por apenas 3 horas. Cuidava das crianças, mas a grana era pouca. Fui trabalhar em um bar porque ganharia mais. Por inúmeros motivos, acabei voltando ao Brasil. Trabalhei no balcão de informações do aeroporto de SJP, por falar o francês e o espanhol (mãe cubana: Beatriz, gracias!). Fiz curso de comissária de bordo porque queria continuar minha vida viajando, paguei uma grana no curso, estudei para caramba e não passei na tal da prova da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), lá se ia mais um sonho devido ao trauma com provas. Briguei com o pessoal desse curso, fui considerada subversiva por discordar de certos padrões e condutas. Contudo, eu não estava contente e satisfeita com a minha vida. Durante minha busca na França eu tinha descoberto uma parte do meu interior e o mais sensacional: eu havia descoberto o silêncio e a percepção. Como lidar com aquele meu ser em transição? Como lidar com a volta ao Brasil depois de uma mega aventura aos recém 20 anos? Como me adequar à “velha vida” que se propunha no meu país?

O museu de arte moderna do Pompidou foi um importante marco, apesar de ter acessado apenas uma vez onde encontravam-se as mostras (todo primeiro domingo do mês era gratuito), eu costumava utilizar o espaço público com biblioteca, internet gratuita, televisões equipadas com VHS para aprender idiomas; aquele era um dos meus cantinhos. Foi então nesse lugar que eu li pela primeira vez sobre Ciências Sociais. Descobrir que outras pessoas tinham e estudavam as mesmas inquietações que eu foi fenomenal, mal sabia que estava no berço dessa ciência e que dali saíram alguns dos principais autores da Sociologia, Antropologia Ciência Política, Filosofia, Psicologia. Mesmo tendo feito essa descoberta, ao voltar para o Brasil me formei em um tecnólogo de dois anos em Marketing, pois o importante era “ganhar dinheiro” e eu não poderia fazer um curso integral na UFPR pois precisava trabalhar; na época nem sabia da existência de bolsas de estudo. Antes mesmo de terminar os dois anos de algo que não tinha “nada a ver” comigo, a Claudia, amiga que moramos juntas na França me indicou o curso da PUC. Fiz vestibular sem muita intenção de passar (no fundo era o que mais eu queria/precisava), depois do gabarito vi que havia zerado em matemática. Nem quis saber do resto, mas para minha surpresa no dia do resultado, do qual eu nem tinha lembrado de ver, uma outra amiga me liga dando os parabéns pois meu

nome estava na lista de aprovados. Foi assim que meu mundo virou de ponta de cabeça de vez.

Entrar na universidade sempre foi um sonho, do qual acabei deixando de lado, eu desvalorizava muito a PUC por que queria entrar em uma universidade pública, mas consegui uma bolsa de 50%, o que colaborou para eu terminar o curso. Hoje vejo o quanto me desenvolvi, como abri minha mente e os professores tiveram papel fundamental nesse processo, mesmo alguns terem me traumatizado um pouco, sou muito grata. De estudante sem muita vontade e sem muita curiosidade passei a ser uma devoradora de livros, artigos e textos. O conhecimento realmente liberta, pois eu mudei tanto mentalmente quanto fisicamente, troquei meus sapatos de salto para um velho tênis e percebi que minha visão do que realmente valia estava distorcida. Foi um processo doloroso deparar-me com uma realidade tão dura, a humanidade tão perdida, um sistema econômico cruel que se alimenta da desigualdade e da exploração do trabalhador com o poder centralizado nas mãos de poucos. Chorei muitas e muitas vezes, mas assim fui conseguindo enxergar toda aquela teoria no cotidiano. Rompi com amizades que não quiseram aceitar meu novo eu, pois já era irreversível as aspirações por liberdade, autonomia, autogestão, solidariedade, coletividade.

As longas conversas com colegas de turma anarquistas, socialistas libertários foram me distanciando da crença na ditadura do proletariado como via única de mudança social; se a vida é uma só e se nela podemos sonhar um mundo diferente do existente, mesmo que eu não o veja acontecer, prefiro dedicar minha utopia ao socialismo libertário (uma das correntes do anarquismo), pois não consigo ver mudanças estruturais de longo prazo no centralismo do poder, que democrático ou não, possui vícios que colocam a igualdade ante a liberdade, podendo-se utilizar do autoritarismo. É importante destacar que as ideias movem o mundo, mas que não se deve fechar a apenas uma, o movimento é dialético e complexo, como nos evidencia Morin:

“(…) Não se trata, de forma alguma, de ter como ideal a redução das ideias a meros instrumentos e torna-las coisas. As ideias existem pelo homem e para ele, mas o homem existe também pelas ideias e para elas. Somente podemos utilizá-las apropriadamente se soubermos também servi-las. Não seria necessário tomar consciência de nossas possessões para poder dialogar com nossas ideias, controla-las tanto quanto nos controlam e aplicar-lhes testes de verdade e de erro?” (MORIN, 2001)

Ainda pautando a sistematização desse autor, é muito difícil distinguir a idealidade (modo de existência necessário à ideia para traduzir o real) e o idealismo (possessão do real pela ideia), por mais que não apagamos a racionalidade, pois este é o dispositivo com o qual dialogamos entre a ideia e o real, a racionalização pode impedir esse mesmo diálogo.

“Entretanto, são as ideias que nos permitem conceber as carências e os perigos da ideia. Daí resulta este paradoxo incontornável: devemos manter uma luta crucial contra as ideias, mas somente podemos fazê-lo com a ajuda de ideias. Não nos devemos esquecer jamais de manter nossas ideias em seu papel mediador e impedir que se identifiquem com o real. Devemos reconhecer como dignas de fé apenas as ideias que comportem a ideia de que o real resiste à ideia. Esta é uma tarefa indispensável na luta contra a ilusão.” (MORIN, 2001).

A formação em Sociologia ensinou-me a fazer mais perguntas do que obter as respostas, aprendemos a desnaturalizar, desconstruir, relativizar, observar. Ao ter conhecimento das significações para os conceitos, que são importantes para a compreensão do que verdadeiramente é; pude também me autocriticar e criticar, entrar em processos reflexivos e de objetivação.

Foi como estudante de licenciatura que me apaixonei pela educação, as teorias libertárias de Paulo Freire, José Pacheco, Edgar Morin, Durval Libâneo, Maria Montessori, Celestin Freinet, etc., me encantaram e eu não conseguia mais admitir o modelo de escola existente. Ao largar o emprego para estudar, consegui uma bolsa do PIBID (Programa de Iniciação à Docência) e junto das minhas “calouras” Gabriela Viola e da Victoria Caetano fizemos intervenções incríveis na escola em que trabalhamos, pois sabíamos que iríamos atingir muito mais a atenção e interação dos estudantes com ideias para além da sala de aula. Peguei aulas pela primeira vez como PSS (professora “provisória”) no Estado do Paraná no meio do 2º ano da universidade. O nervosismo logo foi se dissipando ao ver a importância do meu trabalho e o quanto eu aprendia a cada dia. Dei aula de história e filosofia também, o que me ajudou a aprofundar o conhecimento nessas áreas, haja visto minha “formação” tão precária no Ensino Médio e posso dizer que em 3 anos de universidade adquiri mais insegurança. Junto com outros ativismos, tornei a bandeira da educação minha luta principal e busquei encontrar um meio de coletivizar sonhos de transformação.

Terminei a universidade e passado dois anos da minha “formação”, em 2015 decidi dar um tempo de escola, pois estava adoecendo, deprimida ao perceber que demoraria muito para fazer qualquer mudança na estrutura curricular e física das escolas que trabalhava (uma diferente quase a cada ano), mesmo tentando fazer trabalhos interdisciplinares, levando estudantes para fora da sala, provocando a desconstruir os padrões da sociedade com dinâmicas e trabalhos em grupo, sabia que somente se eu estivesse em um cargo ou uma posição de “confiança” é que conseguiria algo próximo do que desejava. Já que isso não seria possível, pois não havia passado no concurso público (meu problema com provas), embarquei em uma viagem para conhecer modelos de educação Alternativos ao Hegemônico². Minha ideia era compilar os principais aspectos dessas práticas educativas no sentido de unir a “educação formal” com os saberes da comunidade, estudar e ver na prática métodos educativos alternativos, viver a simplicidade, fazer uma rede com pessoas dispostas a criar um modelo de educação libertária, pois no fundo o sonho era: criar uma escola. Junta-se ao meu “pacote de viagem” o grande ganho de experiência que teria ao me inserir nessas comunidades, podendo ou não trocar abrigo e comida por trabalho e, principalmente, fui para buscar a mim mesma, minha cura e minha espiritualidade o que sabia ser possível só se me entregasse a me autoconhecer na crise pessoal; ao me abrir ao novo; ao me ver refletida no/a outro/a e com a aceitação na lei do retorno. Era o momento de me desconectar da energia do fatalismo, desapegar dos vícios da cidade, daquilo que me escravizava física e mentalmente, morar no campo e aprender a produzir minha própria comida. Com pouco dinheiro, coloquei uma mochila, um caderno de anotações e a coragem nas costas e fui. Meu primeiro destino foi ir ao Paraguai, país que havia conhecido em um mochilão pelo Uruguai, Argentina e Paraguai que fiz com a Mayara, grande amiga da Sociologia, professora da escola indígena M’bya Araça-Í e quem mais tarde me indicaria a ANE. Nessa viagem soube de uma escola indígena que trabalhava mais a prática do que a teoria. Ao chegar de mala e cuia no país, soube através de uma mensageira da aldeia (participante de um movimento social urbano), que

² Depois que encontrei a Ane, uso a Prof^a Lenir como referência do que é Alternativo na Educação, portanto uma definição seria o que é contra-hegemônico.

para conhecer Tava Guarany³, um assentamento taoísta, era necessário permanecer por dois anos fazendo trabalho voluntário. A motivação da comunidade deu-se pelo grande número de trabalhadores voluntários de todo o mundo (principalmente europeus), que se inseriam na aldeia, “sugavam” seu conhecimento ancestral, intelectual e espiritual, devolvendo a “ajuda” apenas com textos e fotos nas redes sociais. Minha intenção não era ficar tanto tempo em apenas um lugar, por esse motivo não pude conhecer essa incrível comunidade, que por justo, se fecha a interesses meramente efêmeros. Tive algumas dificuldades em me inserir no país, saí da casa da mulher que me abrigou enquanto eu esperava a resposta de Tava, por ela fui hostilizada por ser brasileira. Dadas àquelas circunstâncias rebelei-me na hora, mas refletindo sobre a história da guerra do Brasil com Paraguai; depois de termos praticamente dizimado a população masculina, inclusive as crianças daquele país, detonado com sua economia, se apossado de suas terras (brasiguaios), dentre outras atrocidades; entendi o ressentimento dos guaranis/paraguaios com relação aos brasileiros.

Durante o período em que estive no Paraguai, li muita psicologia e a teoria psicanalítica de Carl Jung, com seu livro “O segredo da flor de ouro” (que faz reflexões comparativas à tradição chinesa de estudos do interior) foi um dos autores que me despertou o conhecimento para a filosofia oriental, principalmente com o Tao. Voltando ao Brasil, comecei uma especialização em Neuropsicologia, assunto que muito me interessou, mas não terminei por razão de naquele momento ter outras demandas e também por não me adequar ao modelo de educação à distância e sem tutor para me esclarecer dúvidas de temas novos para mim, como anatomia. Mesmo assim, nesse período fiz alguns estudos na área da linguística, da psicologia e da neurologia ao comparar com o que se conhece nas escolas e nos consultórios psiquiátricos como TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Fazendo uso da literatura, tive resultados parciais de que a maioria dos estudantes que recebem o diagnóstico desses e de outros transtornos é por primeira indicação do corpo discente e pedagógico das escolas, que por vezes apenas rotula e trata como anormais, levando os estudantes a buscar um especialista para a emissão de um laudo que “traduza” o

³ Documentário sobre Tava Guarany Tierra Adentro:
<https://www.youtube.com/watch?v=NUoE28IJ5Uk>

porquê das queixas escolares. Ao sistema escolar recai a responsabilidade na disciplinarização e docilização dos corpos, que através dos micro poderes e a vigilância legítima entre os próprios entes da instituição, constitui como regra a punição dos que subvertem o modelo. É importante que aquele que se enquadra no modelo escolar é um corpo, por certo, dócil o suficiente para seguir sofrendo coação das estruturas da sociedade. A banalização no diagnóstico impulsiona o lucro das indústrias farmacêuticas, pois muitos especialistas receitam metilfenidato (Ritalina ou Concerta) para crianças desde os 4 anos, medicação essa proibida em países como a França:

“Estamos falando de uma Era dos Transtornos – uma epidemia dos diagnósticos. A França tem uma resistência muito grande a isso por uma questão de formação de médicos, de valores da sociedade. Lá eles têm um movimento muito grande desencadeado por médicos, muitos deles psiquiatras. Esse movimento surgiu como reação à lei que propunha avaliar o comportamento de todas as crianças até três anos de idade. Era um modelo que pegava especificamente pobres e imigrantes. O movimento conseguiu derrubar tal lei.” (MOYSÉS, 2001).

Mais indignada ainda com as pseudo-soluções desse sistema, busquei modelos de escolas alternativas na internet e assim encontrei a Estação Ecológica Casa Colméia, projeto que não estava mais ativo mas que me trouxe à luz o conhecimento da Permacultura: uma filosofia de vida para se viver a favor da natureza, um conhecimento ancestral resgatado e remodelado, uma cultura permanente do meio ambiente, uma ciência sistêmica de design ecológico que busca o manejo ético da natureza. Conheci o trabalho do permacultor Juliano Ricciardi e decidi fazer um PDC (Projeto de Design em Permacultura): uma imersão de 7 dias em uma estação permacultural e agroecológica, em Ibituba-SC. A alimentação era ovolácteovegetariana, sem consumo de álcool e uma disciplina com rigor para que se efetivassem todas as atividades propostas durante o dia. Foram dias de estudo em sala mas também com práticas tais como feitura de pão, cozinha saudável e nutritiva, horta mandala, manejo de árvores, bioconstrução, tintas da terra, banheiro seco, tratamento de águas cinzas e negras (de pia e de banheiro, respectivamente), ciclo de bananeiras, feitura de sabão, compostagem, manejo de adubo humano do banheiro seco para as árvores, energias renováveis, Panc's (Plantas Alimentícias Não Convencionais), plantas estratégicas e as chamadas “ervas daninhas” que ajudam na recuperação de solos, fertilizantes

naturais, produção de abelhas, medicamentos naturais, além de inúmeros aprendizados nas rodas de chimarrão em volta da fogueira e durante as “aulas”. Durante esse período entrei em outra dimensão. Era uma realidade linda que se postava diante dos meus olhos, pois permitiria a liberdade para a mãe Terra, alinhamento com o cosmos, aceitação às diferenças, tendo pessoas compartilhando seus excedentes devido à abundância, cuidando e colaborando radicalmente para o bem da natureza, vivendo em harmonia, de forma ética, pela razão, pela ciência e pela verdade. Enfim, nem tudo que imaginei sobre a Permacultura mostrou-se real e possível. Por mais esforços feitos por alguns grupos, esse ainda é um conhecimento que possui uma forte compreensão biologizante, darwinista e etnocêntrica do ser humano, com um discurso que pode recair na defesa da meritocracia e de uma sociedade elitizada. Dentre alguns grupos que veiculei, pois participei da construção de um PDC em Praia Grande-SC, a maioria era composta de homens, brancos, detentores de todos os tipos de capitais, o econômico, o social, o cultural e por consequência o simbólico. Percebia que eles se colocavam em constante disputa pelas “hierarquias do conhecimento”, alguns dos *habitus*⁴ herdados do patriarcado e da sociedade ocidentalizada. Por mais que dissessem, nem sempre conseguiam se colocar no lugar do outro/a sem julgamentos e criação de estereótipos; havia uma moral purista que submetia a um maniqueísmo tudo aquilo que não compunha seus ideais. Não gosto de polarizar, mas diante da estratificação social, dualismos e contradições existentes não vejo saída a não ser fazer uso da história, portanto longe de ser neutra, defendo um lado: o dos mais oprimidos.

Para além dessas análises, senti muito amor por todas aquelas pessoas e elas estão impressas com muito carinho nas minhas memórias de sentires. Continuei minha caminhada viajando por Florianópolis em busca de saberes e medicinas dos povos tradicionais. Participei da construção do PDC em Praia Grande-SC em que levei junto a Mayara (da Selva) e o Fábio Selvo, esses dois seres de luz da minha vida íntima e educacional que estiveram comigo nessa viagem maravilhosa com Cérebro (o nome do meu antigo carrinho, um Uno

⁴ *Habitus* para Pierre Bourdieu é um conjunto de disposições sociais internalizadas individualmente que moldam as percepções, os sentimentos e as ações de uma pessoa. Ele é criado a partir da interação do eu individual, da cultura, do grupo e das instituições sociais.

branco) onde tivemos a oportunidade de passear pelas regiões frias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Todos esses foram movimentos extremamente importantes para me aprofundar nas mudanças necessárias em mim para que eu visse a mudança no mundo. Por indicação de leitura no curso de Permacultura, conheci a teoria das 3 Ecologias e seu autor: Félix Guatarri. Aquele livro fazia todo o sentido para o que eu buscava como modo de vida e método de educação nesse nosso Planeta Escola. E foi em uma estadia de 5 dias, sozinha, na chácara Corta Vento, absorvendo tudo o que havia vivenciado em meu ano sabático e lendo junto com o Guatarri um livro de Psicologia Social, é que decidi assumir meu sonho: ali nascia o desenho do que hoje é conhecido como Projeto Ação Vagalume mas que já teve o nome de Mágica Montanha, Coletivo de Educadores, Radicais Livres.

3. CONANES E ENCONTRO DE EDUCADORES

“Sem tempo para lidar com mediocridades. Não quero estar em lugares onde desfilam egos inflados. Não tolero gabolices. Inqueto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus lugares, talentos e sorte... Lembrei-me agora de Mário de Andrade que afirmou: "as pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos". Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa.”

Rubem Alves

Minha busca e minha inquietude tiveram refúgio acalentador na CONANE (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), na UFPR Litoral e na ANE (Alternativas para uma Nova Educação), enfim eu encontrara gente da gente, inconformada, insatisfeita, ousada e rebelde que luta contra os paradigmas limitantes da educação e da sociedade. Poder enxergar um horizonte de possibilidades em uma rede de solidariedade, com gente engajada era um fenômeno incrível e eu estava me sentindo em casa. Sobre os chamados marginais da sociedade, como aponta Edgar Morin:

“(…) o “grande paradigma do Ocidente”, formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história europeia a partir do século XVII. O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Essa dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro: Sujeito/Objeto – Alma/Corpo – Espírito/Matéria – Qualidade/Quantidade – Finalidade/Causalidade – Sentimento/Razão – Liberdade/Determinismo – Existência/Essência. Trata-se certamente de um paradigma: determina os conceitos soberanos e prescreve a relação lógica: a disjunção. A não obediência a esta disjunção somente pode ser clandestina, marginal, desviante.” (MORIN, 2001).

Tentarei contar minhas experiências nesses lugares (Conane – ANE – UFPR Litoral) propondo uma leitura do espaço-tempo junto à reflexões e vivências para além desses espaços também.

a. I Conane Caiçara Morretes

Através da minha mãe, que na época estava fazendo o mestrado do Estado (PDE), soube da I Conane Caiçara em Morretes-PR, 2016 fomos em família e foi uma delícia encontrar gente com as mesmas aspirações que eu, ali tão pertinho da minha casa. Foi minha primeira palestra com o Profº José Pacheco, chorei de emoção e de tristeza ao ouvir seus relatos, mas também sorri, e muito, com a esperança no porvir, sua fala doce e sensata sobre os vínculos de amor e de respeito na aprendizagem me fizeram entender que é na liberdade do outro que começa a minha liberdade. Por isso ele sugere escolhas democráticas nas práticas educativas, que poderiam acontecer através de assembleias ou caixa de segredos (podendo fazer uso de heteronímia), para que os educandos possam criar suas regras coletivamente e, mesmo que elas possam ser contraditórias, possibilitariam a construção/desconstrução, entendimento dos seus direitos/deveres e uma divisão nas responsabilidades, pois sozinho ninguém é autônomo. A primeira comunidade de aprendizagem foi no Brasil na década de 60 com o lusófono Agostinho da Silva, que afirmava “O Brasil é o futuro da educação e aqui vai se criar uma nova prática educativa”, isso me anima tanto que é uma das frases que guardo sempre que desanimo com esse país.

A palestra com o Profº Celso Vasconcelos foi realmente de alegria com o “movimento fraldas pintadas: o futuro do Brasil começa nas creches”, pensar na alegria crítica (doctagaudium), como “uma passagem de uma perfeição menor

para uma maior” segundo a ética de Espinoza e os caminhos para a alegria nas metamorfoses do espírito segundo Nietzsche. Vasconcelos também nos elucidou com a ZAR (Zona de Autonomia Relativa) e seu elemento fundamental: o que é necessário que o aluno aprenda? Considerando a subjetividade e a objetividade com seus condicionantes externos e internos. O que caracteriza a criança é que ela é sua própria possibilidade e sua própria potência. Por isso fiquei indignada que a palavra Escola vem do grego, *scholē*, ócio, tempo livre; como desvirtuamos tanto de seu objetivo inicial?

Lembro-me até hoje do Prof^o Valdo parafraseando Nise da Silveira “gente muito curada é muito chata”, precisamos de um pouco de loucura. Foi alento depois de ter vivenciado com pessoas que pregavam uma cura julgadora. O encontro com o Valdo, um eNeGenCiano falando sobre uma universidade sem muros? Sobre as ICH’s (Interações Culturais e Humanísticas) e sobre a avaliação a partir do IPH (Índice de Potencial Humano)? Estava eu diante de uma geração diferente da minha, com ideias de protagonismo humano tão atuais e dotadas de um realismo esperançoso; era um sonho tão distante que nem cheguei a imaginar, uma educação emancipadora e libertária na universidade! Ainda não conhecia sobre a UFPR Litoral Matinhos e o quanto de diversidades, possibilidades, inclusões, inovações, linguagens, manifestações culturais, encontro de saberes populares/tradicionais, encontros metafísicos, multidimensionalidades, explosão de conhecimentos através de pessoas complexas/simples poderiam existir. Digo isso ao ter convivido mesmo que pouco nesta instituição, encontrei pessoas que já conhecia e novas pessoas muito interessantes para meu crescimento pessoal e profissional. Fui oportunizada a conhecer mais depois da abertura à universidade mesmo sem estar inscrita em nenhum dos cursos.

Depois da Conane, através de uma amiga do curso de Geografia da UFPR Montanha (Curitiba) fui a um encontro do FREPOP (Fórum de Educação Popular) em Matinhos, com o Prof^o Zan, Prof^a Katuta, Prof^a Neusa, Prof^o André e os educadores Susi Montserrat e João Bello. Ali eu estava entendendo um pouquinho do que era aquele universo...universidade.

b. II Conane Caiçara

O que mais me interessava naquele momento era experienciar através de viagens, sempre achei que não estava pronta para agir se não conhecesse mais sobre outros lugares e adquirisse experiências. Soube que aconteceria a III Conane, a Nacional, em Brasília. Imediatamente falei com meus compas do coletivo de educadores (o núcleo duro acabou sendo eu, o Fábio, a Gabi e o Mateus) e quem poderia ir seria o meu querido amigo aberto às possibilidades do movimento da vida: o Fábio. Compramos as passagens de avião mais do que depressa, pois ali estava nossa oportunidade única em conhecer mais sobre o tipo de educação que queríamos, mal sabíamos que como educadores poderíamos ter ido com o ônibus da universidade, uma lástima saber disso depois de comprar as passagens. Mesmo assim, participamos de uma reunião junto à grande articuladora e idealizadora da Conane, a Prof^a Sônia Goulart para ver onde ficaríamos. Ali também soubemos através do Prof^oValdo que, se quiséssemos agir efetivamente a UFPR daria suporte mesmo sem projeto ou vínculo formal, pois era necessário ocupar os espaços públicos

Antes de viajar, participamos da II Conane Caiçara, agora na UFPR Litoral e com a presença dos professores (por ordem de participação) José Pacheco, Sônia Goulart, Valdo Cavallet, Lenir Maristela, Fernanda Pascoale, Celso Vasconcelos, Tathyana Gouveia, bem como a presença póstuma de Paulo Freire, Rubem Alves, Cecília Meirelles, Anísio Teixeira, Thomas Khun, Rudolf Steiner, Celestin Freinet, Maria Montessori, João Batista de La Salle e alguns outros/as que posso não ter registrado, mas que fizeram igualmente parte da magia daquele lugar.

Ir para Brasília para um encontro que reunia escolas alternativas, movimentos educacionais autônomos, pedagogias libertárias, democráticas, holísticas e pessoas engajadas na transformação; era um sonho tornando-se realidade. Tivemos o imenso privilégio de ficar alguns dias na casa da maravilhosa coordenadora da Conane Nacional Sônia Goulart, o que me marcou fortemente conviver com grandes educadores do Brasil e de alguns países da América Latina, seus olhares e reflexões para a emancipação dos sujeitos (também foi incrível ficar na rede que havia em cima da árvore da casa dela). Eu e o Fábio nos colocamos à disposição para contribuir com o que era necessário, mais tarde

ajudaríamos no recebimento do pessoal vindo com o ônibus da UFPR. Vivenciar aqueles dias foram ver os sonhos em realidade, inúmeros aprendizados e pulsões para continuar a caminhada. Falarei rapidamente o que pude absorver de cada um dos projetos que vi e participei na Conane: Acompanho o trabalho do Escolas Transformadoras e vê-los falando de sua rede foi fantástico; entender como foi o movimento das ocupações em São Paulo; ouvir os depoimentos dos Criativos da Escola, que desde 2015 premiam projetos inovadores; o Teatro Facetas de Rio Grande do Norte que fazem um trabalho de sensibilização nas comunidades: o Web Séries que é uma educadora que grava vídeos com a experiências educacionais em vários países; o INESC Brasília que possui um cunho político não partidário de mudar a política, entende que deve-se apropriar da burocracia e colaborar para a criação de políticas públicas; sobre a UFPR Litoral, ali tive mais conhecimento sobre a busca por uma educação para a autonomia que essa universidade vêm fazendo; adorei o projeto Escola Na Rua que não possui paredes, nem professor, nem aula, é um projeto de levar os estudantes a reconhecer a sua comunidade, sua cidade para assim ocupá-la; a fala da Helena Singer com o movimento social pela educação em que afirma que a dimensão política desse movimento vai para além de levá-lo como “alternativas”; o amado José Pacheco falando sobre a educação dialógica, que somos o 1º obstáculo para a efetivação de algo, que devemos dialogar e deixar de ser tão bonzinhos, que devemos ocupar tudo mesmo e que o PPP serve para ser de fato político, pois não há nenhuma lei que exige as carteiras enfileiradas em salas de aula, prova não prova nada, sem vínculos afetivos não há aprendizagem, desafios vindos dos estudantes, uma troca que impulsiona = a isomorfia, enfim, como sempre o Pacheco sempre elucidando a mente a ponto de impulsioná-la para a ação. Também aprendi um pouco sobre o movimento da Escola Vila Verde em Goiás - GO, o Projeto Zeferino em Viamão – RS, ao adorável Projeto Gente da Escola Municipal André Urani no Rio de Janeiro - RJ que leva tecnologia e salas unificadas; o Projeto Autonomia que une pedagogia e psicologia, que mobiliza o Fórum Autonomia; a Escola Ayini de educação/ecologia, que parte de uma ideia de jornada de aprendizagem onde são estudados 4 eixos: cultura, economia solidária, gestão coletiva e endocomunicação, a partir da metodologia do Dragon Dreaming. Sobre as rodas de conversa, escolhi o eixo Latino América aprendi e muito sobre modelos de educação fora da caixa, tais como a Politéia (Brasil) que

vê na escola um organismo vivo, não tem séries, gestão democrática da convivência, gestão democrática do conhecimento, trabalha por assembleias e por currículo emergente, todos são pesquisadores, criatividade e atividade política, forte crítica a escola sem partido, participa da Rede Nacional de Educadores Democráticos. A Escuela Pedagógica Experimental (EPE) da Colômbia, administrada por 5 professores que decidem tudo em assembleia, não tem porta, nem muro, nem segurança, olham para a realidade, para o passado para agir na atualidade, diferentes grupos fazem projetos partindo dos estudantes, educação popular na escola particular. A rede ABACO (Nicarágua) que propõe dinâmicas, não é um modelo nem uma verdade, são as qualidades das pessoas que não competem entre si, compartilham, possuem capacidades crítica e autocríticas construtivas, consciência e comunicação voltadas para a cooperação genuína, pedagogia da simplificação, autores e atores da própria vida ao entender sua identidade e sua territorialidade, não possui espaço físico. A rede REEVO (Argentina) com o palestrante Simon busca reunir experiências educacionais contra hegemônicas bem como atualizar uma página de internet com notícias relevantes. Enfim, a Conane caminhou para nos provocar a ter ousadia para fazer a ruptura com a educação tradicional, demonstrando que é possível fazer educação libertadora, democrática, cooperativa e solidária.

c. Atuação na escola

Em 2016 voltei a trabalhar no Colégio Barro Preto (São José dos Pinhais), a mesma que eu tinha dado aula pela primeira vez em 2011, uma escola pequena, de periferia, dividida entre dois mundos: o urbano e rural. Eu tinha de criar vínculos, possibilitar a comunidade de aprendizagem, por isso carreguei meus sonhos em meus cadernos e fui morar sozinha em meio ao mato, decidi tentar uma vida saudável, tendo minha horta, fazendo compostagem, cuidando de mim e executando um trabalho que me satisfazia. Minha mente fervilhava ideias para serem colocadas em prática, elaborei um planejamento paralelo ao formal e decidi quebrar com minhas próprias imposições, levando algo parecido com a educação que desejava. Desenhei um projeto permacultural para a escola, planejei roteiros de estudo para minhas aulas com temáticas acompanhando o currículo do MEC, incluí aulas práticas e teóricas, regras de convivência e das aulas escolhidas pela

sala através de assembleia, discurso não violento, aceitação do outro/a através da empatia, trabalhos em equipe, iniciativa, atitude e ação responsáveis, levantamento das ações positivas e negativas do grupo, incentivo à criação/criatividade, compreensão de que todos/as estamos em processo de aprendizagem (alguns com mais facilidades outros com mais dificuldades, pois alguns foram estimulados e outros não), criação do grêmio e projeto de pintura da parede da escola com tintas da terra e grafiteagem. Coloquei todas as ações em prática, com muito diálogo e concessão por parte da direção. O que eu não contava era com a dificuldade de se fazer tudo sozinha e, principalmente, eu não contava com a falta de vontade/motivação dos estudantes nas tentativas de que fossem autônomos. Ao final do bimestre eu estava com 60% dos estudantes do noturno sem participar/entregar nenhuma atividade do roteiro de estudo. Decepção. Reflexão. Culpa. Ação. Eles não sabiam como era ser autônomo/a. E eu sabia?

Sabia que pela via institucional do sistema escolar não seria fácil implementar uma mudança radical se não tivesse o corpo discente comigo, mas tinha dificuldades em me inserir no grupo e levar as minhas ideias para o todo, pois a lógica para a maioria dos professores é de culpar os alunos por seu não-aprendizado, de praticamente odiá-los. Foi com essa escola que realizei o primeiro encontro do Vagalume (nessa época chamava-se Mágica Montanha), com a ajuda da Mayara, com o apoio da direção, com o empréstimo do ônibus da prefeitura, com o empréstimo das panelas do colégio e a doação de alimentos pelos alunos fizemos acontecer uma visita incrível na chácara.

FIGURA -01 - PRIMEIRA VIVÊNCIA AÇÃO VAGALUME EM 30/09/2016.



d. Encontro de Educadores na Corta Vento

Depois o primeiro Vagalume criei um grupo no Whatsapp com os amigos interessados em algo novo para a educação e os chamei para o I Encontro de Educadores, do coletivo de educadores. Os eixos foram: Ecologia, Nutrição, Economia Solidária, Psicologia, Tecnologia, Democracia. Foi na Chácara Corta Vento e contou com a presença do Fabio Selvo, Gabriela Viola e Mateus Lisboa, partimos do pressuposto que foi quem realmente precisava, quem já se sentia tocado a fazer algo. Trocamos ideias sobre o que desejávamos para educação, eu trouxe os meus conhecimentos anteriores e os meus desejos para a criação do Projeto Vagalume, eles também contribuíram com ideias, muitos conhecimentos, indicações de filmes e nós conversamos sobre uma infinidade de possibilidades. O Fabio e a Gabi são sociólogos, meus amigos que conheci na PUC e o Mateus, fotógrafo e estudante de Biologia com muito interesse em juntar seu conhecimento com o das humanas. Entendemos que para criar um projeto como desejávamos, era necessário financiamento para viver apenas disso mas que seria longo esse processo. Procurei as plataformas de financiamento: Crowdfunding, Catarse, Benfeitoria, Cinese, Garupa, Formiguinhas, Fundação Ashoka, Fundação Arcádia, The Pollination Project, Fundo de Inovação Global e principalmente o Prosas, site que compila as possibilidades de editais. Só faltava o projeto e sua institucionalização. Escrevi o projeto Vagalume (já com esse nome depois de uma inspiração ao andar de bicicleta no parque Iguazu) e chamei meus companheiros para afinar as ideias, foram a Gabi Viola e o Fabio, assim decidimos que usaríamos um CNPJ da Associação de Moradores da Roça Velha (em que meu amigo Jatobá era presidente, o conheci nas ocupações das escolas), elaboramos um cronograma de viagens, faríamos grupos de estudos com a leitura do ECA, criação de uma página no Facebook, ações práticas nas nossas escolas de atuação, criação de vínculos/parcerias, pesquisas sobre a criação de uma ONG, OSCIP ou Fundação e a criação de nosso estatuto. Toda reunião deveria ter uma organização, uma pauta e um posterior relatório. Diante de todas essas ideias, algumas se concretizaram, outras não. Sobre as viagens que faríamos estavam o conhecimento da Escola do MST na Lapa-PR, a Escola Florestan Fernandes em

Guararema-SP, o Projeto Âncora em Cotia-SP, Escola Ayni em Guaporé-RS e a Ecovila em Morretes-PR que eu tinha conhecido na I Conane Caiçara.

4. ANE – ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

A ANE tem uma efetiva importância no meu movimento/desenvolvimento dialético, dialógico, individual e coletivo, com profundas mudanças em meus territórios existenciais. Essa foi mais uma das chamadas importantes para a responsabilidade e a participação voltadas para a equidade e justiça social, que com resiliência e solidariedade busca o desenvolvimento educacional da comunidade.

Comecei a participar dos encontros da Ane por ser uma educadora engajada nesse movimento pela transformação, fui cativada a co-participar, co-criar esse estímulo ao novo. Fui convidada a me libertar de minhas amarras, de meus medos, de meus anseios, fui provocada a rever meus mundos hipotéticos, minhas seguranças, minhas certezas. Dali nunca mais voltaria a ser a mesma, mais uma vez. Eu andava desacreditada e sem vontade de fazer parte da universidade, por ter como experiência uma “masturbação mental”, havia decidido fazer uma outra prática pedagógica e para além da escola (executar, prática, práxis) mas não queria fazer mestrado (uma “cobrança” do meio acadêmico para ser legitimada no que fala e faz). Ao compor a Ane lembrei-me de quanto a universidade foi importante na minha vida, mesmo que contra alguns habitus entendo a relevância de participar e intervir nesse espaço, um sentimento parecido com que tenho com a escola pública. Abri-me a participar e joguei-me nessa grande viagem.

O movimento intergaláctico me provocava a sair da zona de conforto que eu achava que não havia, fui colocada defronte a pessoas e seus sentires... Era preciso estimular meu coração. Difícil tarefa para uma pessoa que se embruteceu com os revezes da vida. Através de viagens, experiências, vivências, conhecimentos, rodas de conversa, relatos, pesquisas, grupos de trabalho, indicações de leitura, de vídeos, de performances e de vidas; assim pude me aprimorar, enxergar-me em meus processos, tive a humildade de me colocar no lugar de outro/a sem a presunção de achar que tinha respostas, ao mesmo tempo que levava um pouco do que aprendi.

A metodologia da Ane propõe-se a agir, INTERagir as seguintes dimensões do saber:

- Interdisciplinaridade
- Interculturalidade
- Interterritorialidade
- Interexperencialidade
- Intergeracionalidade
- Interinstitucionalidade

Tentarei ser breve ao fazer alguns relatos sobre os encaminhamentos desse projeto. Mesmo sem estar inscrita eu não tinha dúvidas que deveria seguir esse fluxo. No primeiro encontro que participei a pergunta feita era: “- E daí?” Como agir em nossos espaços educacionais, como executar esse tipo de educação. Através de rodas de conversas com temas norteadores construímos possibilidades para questões como: aulas de política, cidadania, socialização, solidariedade, humanidade, disciplina para concretizar ideias, desobediência civil, trabalhos cooperativos, formação de professores na prática, dificuldades com as relações de poder, desafios, comunicação, sensibilização na escuta do educando e do educador, escuta, partilha e provocação para a ação, uso do dinheiro público, compartilhamento de projetos, textos, continuidade nos estudos, alteridade, mudança curricular, agressividade dos estudantes e sua ânsia por mudanças, mapeamento de projetos, troca de conhecimentos, rede de solidariedade, militância, movimentos contra a individualização, mobilidade, acessibilidade e necessidades não visíveis pela escola, sensibilização da comunidade e participação dos pais, tecnologias sociais, autoconhecimento e mudanças de governo.

Minha primeira viagem junto à Ane foi para Morretes na Ecovila de um pessoal que fazia agroecologia em uma área de mata exuberante. Era um casarão antigo de uma família que produz cachaças muito boas. Neste dia estavam em interlocução os indígenas da aldeia Araça-Í, fizemos trocas de saberes muito interessantes.

A primeira turma e precursora do movimento Ane foi baseada nos ricos relatos de inserção em seus próprios projetos e no dos colegas. Soube de Heliópolis, uma das maiores favelas de São Paulo que vive conflitos sérios por

conta da luta de classes diária, vendo a queima de barracos por conta da especulação imobiliária e o genocídio da população preta e jovem. Assim, eles fazem resistência ao adotar uma prática pedagógica de inclusão da escola na comunidade, é um bairro educador que diversifica os grupos entre as crianças que tem mais autonomia com as que não tem muita, permite um currículo que escuta os educandos, faz plano de estudos compartilhado com a criação do portfólio dos estudantes e caixa de descobertas. Nesse dia, aconteceram falas importantes como as da companheira colombiana Beatriz contando sobre os 100 anos de guerrilha e de ver os filhos das gentes serem arrastados pela rua, bem como do Profº Zan dizendo que precisamos atingir as bases para caminhar rumo a uma consciência coletiva, as do Vicente como “o preço da liberdade é a eterna vigilância, a luta não acaba” e a do Neto: “não ficar na defensiva e partir para a ofensiva”. Construí um amor gigante pela Andressa, nos identificamos desde os primeiros contatos e até hoje nos comunicamos com relativa frequência, pois é uma pessoa que possui e capta uma sensibilidade profunda, gosto da calma e da raiva necessária que existe nela, da simplicidade do seu ser e da abertura de sua alma. Aprendo muito com ela e admiro por demais.

FIGURA - 02 – PRÉ-PREPARO DOS ALIMENTOS COM JOVENS ESTUDANTES DA REGIÃO DA ROÇA VELHA 27/11/2017.



FIGURA -03 – ENCONTRO AÇÃO VAGALUME COM ESTUDANTES DA PRIMEIRA TURMA ANE 28/11/2017.



a. Participação ANE em reunião pedagógica Colégio Chico Mendes

Um dos meus momentos decisivos na rede foi a proposição de participação em uma reunião pedagógica no colégio que trabalhava em 2018, o Colégio Estadual Chico Mendes em SJP. Essa escola tem uma equipe diretiva que tende ao autoritarismo, a defesa das armas, ao disciplinamento tendencioso mas que localiza-se na periferia do São Marcos, um bairro relativamente industrial (com um abatedouro/frigorífico de um ex-prefeito, transportadoras e metalúrgicas). Os colegas que participaram desse fatídico encontro foram a Prof^a Susan, Mayara, Samira, Luciana e Landir (Neto). Era uma reunião que contava com a presença do Prof^o Cilmar, que a convite da grupo diretivo anterior àquela gestão, fez uma fala sobre como poderíamos ter um olhar diferenciado para nossos estudantes, sua palestra foi muito interessante e nós, enquanto grupo da Ane, estávamos como espectadores (a parte um de nossos colegas). Eu estava relativamente acostumada com o modo com que pedagogas e professores falam de seus estudantes nas reuniões pedagógicas, infelizmente desconsiderando o sujeito histórico e suas implicações, as potencialidades, as possibilidades para além da disciplina e do subjulgamento; àqueles a quem se confia o saber estão iludidos em seus próprios egos a ponto de não perceber certas sutilezas nas relações de aprendizagem. Não os julgo, porém não tolero rir defronte humilhações às quais nossos estudantes eram colocados pelo corpo discente. Nossa colega Luciana chorou ao sair de lá, jamais tinha presenciado cenas tão bizarras em um ambiente

que se propõe agir educacional. Depois desse encontro, fizemos uma reunião em minha casa (no Barro Preto, em meio à mata, próximo ao rio Miringuava, com macacos, esquilos, tatus, gambás, pererecas, aranhas, vagalumes e afins), onde conversamos sobre o que tínhamos aprendido com aquela experiência. Nessa época, por iniciativa dos estudantes, foram criados núcleos por localidade, onde poderíamos nos entrosar e nos ajudar em nossos espaços de maior proximidade, portanto estávamos em maioria do núcleo CWB. Devo destacar o papel fantástico de mediação da Profª Susan Cavallet que com muita sabedoria sabe colocar em prática a frase de Che Guevara: “Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás”, esta que é a minha orientadora, meu referencial de ser humano e de inspiração desde que a conheci, conseguiu intervir durante e depois desse encontro, me fazendo entender que também preciso intervir e ser mais atuante no controle das situações e cuidar para que eu não seja mero instrumento de manobra política das direções de escola. Gosto do jeito assertivo que a Susan fala comigo, puxando a orelha quando necessário, mas enxergando com amorosidade minhas limitações para que sejam dissolvidas em potencialidades.

b. Visita ao Assentamento José Lutzemberg – Antonina-PR

As falas da Sara do MST e a minha experiência no assentamento José Lutzemberg foram de tamanha grandiosidade que tenho essa luta como referencial de resistência. Uma ocupação feita em fazendas de produção de búfalos que trabalha com a agroecologia e a agrofloresta tentando desconstruir e desmistificar paradigmas sobre o plantio e as monoculturas da mente com seus próprios membros. A querida e aguerrida Profª Lenir (também minha grande orientadora desde meus primeiros passos na Ane) nos possibilitou uma enriquecedora carona para sair de Curitiba e assim soubemos um pouco mais sobre a disputa vivida por essa comunidade. Tivemos o privilégio incrível de nos banhar nas águas do rio da região de Antonina, de comer uma comida maravilhosa feita com alimentos orgânicos e preparada com o tempero da solidariedade, o que me fez repetir 3 vezes. Nos colocamos a sonhar juntos uma escola que atendesse aos anseios de liberdade no assentamento e junto com a árdua luta para a emancipação do capital.

c. Construindo pontes com a Comunidade Indígena Araça-Í

A minha ligação com a aldeia Araça-Í já ocorria desde quando a Mayara começou a trabalhar como professora lá. Eu já pegava alguns artesanatos para repassar os valores para as indígenas (entendo que chamá-las assim é uma fala colonialista e ocidental), pois sempre senti um elo muito forte com essa cultura e sinto a necessidade de contribuir de alguma maneira para que se fortaleçam, ainda mais diante das ameaças que esse povo sofre, sem falar do genocídio existente desde quando os europeus acharam o Brasil. Além do contato com a Mayara, através da Ane agora eu conhecia o Neto (ou Landir, professor na escola), o Eriton (diretor) e a Cintia (pedagoga), assim fui afinando minha participação junto a esse grupo, que com muita luta foi vencendo as barreiras do assistencialismo fútil que é como algumas instituições veem nas comunidades étnicas e principalmente, vencendo a fome com práticas de distribuição de alimentos através da escola. Como moro em São José dos Pinhais, pegava o Neto em Piraquara e seguíamos para as aulas da Ane, assim conversávamos freneticamente sobre a luta de classe e o carrinho ia como um foguete vermelho, de tantos debates que fazíamos. Confesso que a militância me cansa um pouco, muitas vezes os sonhos não saem do campo das ideias e como querer uma revolução armada sem uma organização comprometida? A par nossas discordâncias, vivemos momentos únicos juntos e o Neto foi, com certeza, um grande amigo e companheiro de viagem, com seu otimismo, alegria e certa pureza, nós avançamos muito.

Foi com esperança (para Paulo Freire) que construímos juntos alguns momentos magníficos e só tenho a agradecer a abertura e a confiança que tive para fazer algumas ações junto à Aldeia Mbyá Guarani Araça-Í. A primeira delas foi levando os estudantes de duas turmas do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Chico Mendes. Para irmos à aldeia precisávamos de um ônibus, já que a prefeitura não realizava mais empréstimos para escolas estaduais (claro, pois isso não gera voto). Por indicação da direção soubemos de um vereador que alugava seu ônibus por R\$ 200,00. Não queria cobrar o valor de cada um por que era um requisito fundamental das minhas aulas, mas fui obrigada a pedir R\$ 2,00 e quem podia contribuía com mais; eu contribuí com 50,00 e com autonomia das meninas e de alguns meninos eles se agilizaram para vender bombons, correio elegante e

foram pedir em comércios locais, assim conseguimos o valor. O conteúdo curricular das minhas aulas era Antropologia e a questão indígena, portanto preparei os estudantes a ter uma visão desconstruída dessa cultura, falamos sobre o uso de roupas, de celular, televisão, carro, comida, sobre o trabalho e a religiosidade dessas pessoas. Também falamos sobre a importância da demarcação da terra, sobre o genocídio, a prostituição e o alcoolismo a que estão acometidas várias comunidades. Muitos ainda tinham a visão do índio “buga, buga” que faz dança da chuva e anda nú. Ao chegar na aldeia, a interculturalidade, interexperencialidade, interterritorialidade, interinstitucionalidade, interdisciplinaridade e a empatia se fizeram presentes e a visita foi meu deslumbramento do que é possível fazer com a troca de saberes. Os estudantes se relacionaram de forma prontamente amorosa, com sensibilidade e, ao mesmo tempo, com curiosidade educada, como a exemplo do Pitanguá ou Pytiguá, o cachimbo de nó de pinheiro feito com tabaco preto e usado por guaranis de quase todas as idades. Alguns estudantes juruás (não-indígenas) fumaram o tabaco sem tragar, do qual os indígenas tiveram maior orgulho em compartilhar.

“A bruma é companheira da chama, assim como fumo do cachimbo é companheiro do tabaco consumido. A bruma "jakaira" junta dentro de si a substância divina do humano, as belas palavras. A bruma dos pajés e dos profetas (o fumo dos seus cachimbos), lhes permite o acesso á bruma original, lhes permite escutar os deuses falar.” (CLASTRES, 1974).

FIGURA - 04 – JOVENS DO RAP NAÇÃO GUARANI UTILIZANDO PITANGUÁ NO ENCONTRO EM MORRETES 27/08/2017..



Tivemos o privilégio de entrar na casa de reza, que segundo os professores da escola, é incomum acontecer. Depois do rezo cantado, fomos convidados a participar das brincadeiras e dos jogos indígenas, foram muitas risadas e interações. As meninas andavam com as crianças no colo e essas estavam encantadas com as visitas, pulavam e corriam. Estou segura que essa experiência jamais será esquecida pelos estudantes. A fala da jovem Viviane, guerreira guarani, foi tocante no que concerne a identidade do modo de vida de sua comunidade e valorização dos seus símbolos sociais. Ao voltar para a escola fizemos uma roda de conversa com os relatos dos estudantes, método que aprendi na Ane. Assim pude perceber a riqueza da vivência e as barreiras que haviam sido quebradas entre os estudantes.

d. Colégio Estadual Chico Mendes e Aldeia Araça-Í

Em um outro movimento na aldeia, por intermédio do Neto, uma professora de SJP entrou em contato comigo porque queria fazer uma visita na Araça-Í e ver a possibilidade de levar os indígenas para uma apresentação do Dia da Consciência Negra (até hoje não entendo o motivo de levá-los nesta data, a não ser que as educadoras tenham trabalhado o Dia da Consciência Étnica). Sendo assim, aproveitamos o interesse da professora e fizemos uma visita à comunidade, conversamos com a Cintia, com a Neusa (indígena) e o Neto e combinamos que um grupo de indígenas faria uma apresentação do coral em nossas escolas, aproveitei a deixa de levá-los ao Chico Mendes pois alguns jovens já haviam feito conhecimento de quando tínhamos feito a visita na aldeia, seria muito enriquecedor fazer essa troca, a interterritorialidade. Nesse mesmo período eu estava organizando dois dias sobre a consciência negra na escola Chico Mendes, portanto uma das manhãs foi para a apresentação do coral, a escola esperou a visita ilustre dessas crianças, jovens, adultos e senhoras/es com um belo café da manhã e a apresentação foi linda e emocionante demais, com a posterior fala da Viviane (jovem indígena), do Neto e a minha fala agradecendo enormemente a disposição em nos presentear com tamanha riqueza. Depois os estudantes que já conheciam os indígenas foram para a quadra apresentar a escola (soubemos que o sonho dos indígenas era conhecer uma escola de dois

andares como a nossa) e junto deles estava toda a sorte de estudantes das outras turmas que estavam super curiosos em ter maior contato com esse povo, mas também para conhecer o Petyguá ou Pitanguá. Apesar de eu ter me sentido desconfortável com etnocentrismos por parte dos professores que os viram como pobres por usarem chinelo, por algumas crianças estarem descalças e com as roupas puídas; foi uma vivência de importância ímpar para o que desejamos como educação contra-hegemônica, pois ali me deu a abertura para falar um pouco sobre essa cultura. Mais tarde soube através de um estudante que nossas vivências foram utilizadas para falar sobre a questão indígena nas aulas de filosofia em 2019.

Ainda sobre as intervenções da semana de Consciência Negra na escola Chico Mendes, levei um grupo de Capoeira da Angola do bairro do São Marcos (onde fica a escola) e alguns estudantes, professores gingaram lindamente, além de fazer um resgate dessa arte marcial como símbolo da resistência preta. Também ocorreram oficinas de confecção das Abayomis, as bonecas de pano de origem lorubá que significam alegria e são um símbolo de resistência, tradição e poder. Tais atividades servem para uma aprendizagem qualitativa do conhecimento sociológico e interdisciplinar através da mediação de ações lúdicas, históricas e culturais, resgatando a realidade sócio-cultural dos próprios estudantes.

“Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em lorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.” <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>

A professora de Educação Física ensaiou e apresentou Maculelê com os estudantes do 9º ano, a professora de artes fez uma oficina de máscaras africanas e os estudantes do 1º ano apresentaram sobre a Umbanda e Candomblé, com coragem eles quebraram com estigma da “macumba” em uma comunidade majoritariamente cristã onde a direção faz encontros da igreja Assembléia de Deus dentro da escola e foram vestidos de branco mostrando alguns artefatos e

músicas religiosas. Ao meu pedido, dois estudantes do noturno fizeram apresentações de seu Rap autoral e aconteceram batalhas de rimas tanto no diurno quanto no noturno. Levei alguns instrumentos e durante o intervalo um estudante tocou atabaque e outro o pandeiro, alguns símbolos da nossa cultura afro-brasileira. Teve declamação de poemas de autores africanos e afro-brasileiros que emocionaram o público. Mesmo estando em uma escola de difícil interação com a direção bolsonarista (durante o período de eleições o diretor usava a camiseta com o “mito”), consegui fazer ações práticas fenomenais das quais preservo imenso orgulho por ter sido corajosa, resistente e resiliente.

e. Encontro final ANE 2017

Ao final do ano de 2017, o núcleo de mediadores da Ane nos convidou a fazer uma imersão na chácara do Prof^o Valdo e da Prof^a Susan, com dinâmicas que nos fizeram repensar nosso modus operandis na educação. Eu e o Vicente participamos como colaboradores para ajudar na organização do encontro, mesmo assim pude, mais uma vez, me colocar defronte minhas autocríticas e limitações no movimento junto aos demais. Mais tarde eu participaria desse encontro só que como estudante, o que me possibilitou ampliar ainda mais os horizontes. Eu adorava o grupo do qual compunha na primeira turma, a maioria dos companheiros eram muito sensíveis à inclusão das nossas próprias limitações. Sempre quando se cruzavam os olhares eram de compaixão e força para continuar na caminhada. A esse momento a rede Ane já era propulsão para avançar. Como dizia o Valdo: “para trás nem para pegar impulso”.

FIGURA -05 – ENCONTRO DA ANE DO FINAL DE ANO, TRABALHANDO AS SUBJETIVIDADES 06/12/2017.



Particpei do encontro no Colégio Medianeira com a mediação do Matheus Cedri, foi um choque intercultural devido às possibilidades que se pode ter com dinheiro, a estrutura e o aporte que a escola dá é muito interessante. Nosso colega tinha uma sala específica de filosofia, podia levar seus estudantes a aulas fora da sala com relativa facilidade e dispunha de um aparato pedagógico e material sem tamanho. Pelo que ele nos contou o trabalho é muito grande ao fazer relatórios e viagens frequentes. Neste dia levei o Joruel, um rapaz que estava fazendo estágio comigo no colégio e que se interessou enormemente pelas pedagogias ativas, inclusive ele foi conosco em um dos encontros da Ane em Matinhos.

f. Segunda turma ANE 2018

“Não há saberes mais ou saberes menos, há saberes diferentes.”

Paulo Freire

Vejo que como estudante da Ane da primeira e da segunda turma tenho uma tarefa particular em demonstrar minhas percepções sobre esse fluxo. Comungar junto às transformações inerentes a esse processo não me fazem diferente de ninguém a não ser pela posição de observadora e interventora por um período maior que a maioria que concluiu o período da especialização formalmente. Não nego que sempre sonhei entrar na Federal do Paraná, mas como trabalhadora não via a possibilidade de acessar essa instituição na graduação pois precisava me manter e a maioria dos cursos são integrais, mal sabia eu que na época existiam bolsas de estudo (princípio de equidade que está sendo escasseado pelo atual governo, estamos vendo o sucateamento massivo

das universidades públicas do qual a UFPR também não foge, aumentando as dificuldades).

“Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. Os homens e mulheres se educam entre si mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

Eu contemplava a maioria dos requisitos para participar da Ane, principalmente porque já possuía um projeto e os/as mediadores/as já me conheciam. Ter a formalização de um documento comprovando seus estudos em uma instituição é importante e não é. Minha visão paradoxal era de: sei que isso é necessário para os moldes da sociedade, para conseguir um emprego,mas não é isso que busco como fundamento de vida. O que importava então era a união dos dois movimentos, ainda mais que me sentia à vontade em estar presencialmente nos encontros e nas vivências.

“A arte de ser louco é jamais cometer a loucura de ser um sujeito normal”.

Raul Seixas

Começamos a nova turma em 18 de agosto de 2018 com os fundamentos da Ane: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade. Também foram oferecidos os autores para base, os referencias de leitura de José Pacheco, Celso Vasconcellos, Edgar Morin, Maturana, Naranjo, Paulo Freire, Rubem Alves e depois da Conane foi adicionada Terezinha Rios. Seguiu-se ao encontro a introdução do que são as Inter´s e a escuta atenta aos relatos riquíssimos da vida de cada um/uma dos aproximadamente 60 participantes do encontro.

Refletir sobre o atual momento não é tarefa fácil, por isso, “[...] encontrar as palavras, as menos falsas possíveis, utilizadas para explicar a época em que se vive exige um trabalho de verdadeira criação”, porém, “[...] participar desse trabalho, não é, com certeza, tarefa inútil.” (BAUMAN, 2001, p.74)

No segundo encontro, o Profº Valentim começa utilizando a frase de Paulo Freire: “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir o próprio ser humano” (Educação e mudança, 1981) e faz uma provocação: que consciência exige uma tomada de atitude, o que é diferente de informação,

portanto devemos rever se nossas ações estão sendo de fato conscientes ou se são reprodução de conceitos. Sobre isso, Valentim desacredita que ensinar conceitos seja a solução e utiliza a dupla ruptura epistemológica de Boaventura Souza Santos. Fazendo uma volta ao passado de como eram elaborados os mapas do mundo “todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto” e relembramos o que ele chamou de primeiro educador alternativo, Américo Vespúcio, por ter tido a coragem de dizer que “não sabia” para Cristóvão Colombo sobre se onde eles aportaram eram as Índias ou não. Outro questionamento foi: Quais são os conteúdos que realmente precisamos aprender agora... para agora... poder desfrutar dessa incrível e única experiência chamada vida. Foi um dia muito produtivo para reflexões e para nos animar diante dos próximos passos a serem dados pela Ane e para importantes tomadas de decisões em nossos projetos pessoais e coletivos.

A segunda turma da Ane passou por algumas alterações metodológicas bem como de organização, sendo assim foram inscritas pessoas de grupos já formados e com projetos em andamento, e de outros estados, como São Paulo, Palhoça e Campo Largo. Com práticas de enredar os projetos já existentes e os que iriam se desenvolver melhor, fomos nos conhecendo, nos aprofundando, fomos tecendo a rede. No 3º encontro, foram formados grupos em que mesclavam a todos, a tarefa era contar um pouco sobre seu projeto, no que poderíamos ajudar, ofertar nossa força, nos voluntariar e no que precisávamos de ajuda. Assim soubemos um pouco sobre cada obra ou projeto e as contribuições foram verdadeiramente enriquecedoras. Aquele era (é) realmente um grupo muito potente! Eu estava encantada com as inúmeras possibilidades que poderíamos criar. Soubemos da participação da Ane na Ilha dos Valadares –Paraguá e na Vila Nova – Matinhos, bem como o avanço em Santa Catarina, São Paulo e região metropolitana de Curitiba. Em seguida foi proposta a reflexão do que é emergencial e o que é importante (enfrentamento e resistência), quais são os elementos do óbvio e não-óbvio para a Ane e a pedagogia do não-objetivo do Tião Rocha: “o que não dá e o que não pode a gente já sabe. Tem que ir além”. Para isso o lema é Resistência – Resiliência – Persistência.

g. Pró-CREP – Palhoça - SC

O conhecimento da Pro-CREP me deixou verdadeiramente entusiasmada, uma associação que une Criar, Reciclar, Educar e Preservar junto a vontade de se fazer em coletivo. Fizemos uma vivência de dois dias em novembro de 2018 com custos baixíssimos naquele paraíso que é a região da Pinheira e da Guarda do Embaú no litoral catarinense. Saímos na sexta à noite em um grupo grande e com carinhas que eu já conhecia: da turma anterior e da universidade. No sábado pela manhã fizemos a trilha da Guarda até a Pinheira pelo Vale da Utopia, um trajeto lindíssimo que já conhecia de quando acampava com meus pais na praia da Pinheira. Ao chegar na Pro-Crep a energia era de alegria e motivação para a mudança através da ecologia, conhecer essa comunidade que além de todo o trabalho de cuidado com a natureza, ainda consegue gerar renda. Ficou uma grande e especial admiração pelas amigas de turma Renata, Mariama e Lisa, atuantes na Pró-Crep, as três são um impulso e inspiração enorme para seguir nos rumos da educação libertária.

Conhecemos o bazar, a transformação do óleo de cozinha usado em sabão, a separação dos resíduos recicláveis, o museu do que vem no “lixo”, os trabalhos de arte, a feitura de húmus e o que me tocou muito foi a fala do rapaz que foi “recuperado” pelo esforço da Dna Hélia, a responsável por esse trabalho magnífico. Também foi incrível que fomos no dia da festa da comunidade, então tiveram apresentações de música e de artistas locais, uma feirinha com artigos produzidos por projetos da região, oficinas, uma comida vegetariana maravilhosa. Ficamos em uma pousada muito gostosa, pela noite compartilhamos conhecimentos com um pessoal nativo e infelizmente no dia de partir deu uma dor no coração de deixar aquele paraíso.

h. Vivência em Ibiúna – SP

Fizemos uma importante visita no dia 13/04/2019 na Escola Municipal Coelho Ramalho que começou seus trabalhos de mudança de paradigma educacional em 2016, quando a Mila assumiu a direção. Desde então vem acontecendo verdadeira revolução na escola, quebrando a barreira das séries, das diferenças etárias, do modelo de avaliação e do que deve ser aprendido. No início houve bastante resistência e não haviam professores dispostos a fazer algo diferente, aos poucos a equipe foi se adequando ao novo modelo e foi respeitando

o tempo de aprendizagem de cada um/uma. A fala da Prof^a Nádia condiz com a nova percepção, ela ressalta que a dança é uma alternativa a educação, pois entra no mundo imaginário das crianças, sendo que assim elas podem ser elas mesmas. Uma das coisas que me chamou a atenção é que as crianças fazem assembleia para decidir o que querem, através da concepção de “crítico e felicitoso” eles fazem debates, sem citar os nomes de ninguém somente as ações, eles criam cartazes com as mudanças que desejam. Quando as crianças chegam elas já se organizam para as rodas de leitura e depois, por grupos de interesse, juntam-se para a realização dos planos de estudo que podem ter como temas: saúde, revitalização da praça, a árvore figueira, tecnologia, artesanato, capoeira, direitos das pessoas, carnaval, pesquisas sobre outros temas, etc. Sobre a avaliação, as professoras fazem uma sondagem para uma avaliação imediata de tudo o que elas fazem. Fiquei encantada com os planos de estudos, a autonomia dos estudantes para buscar seu conhecimento e o direcionamento através da caixa de pesquisa, que são as professoras que desenvolvem. Achei bacana que a escola abre não somente nos dias de semana mas também aos finais de semana, onde já aconteceram festa do pijama, encontro de pais, mutirões. Quem mostrou a metodologia da escola foram os próprios estudantes e pela tarde fizemos um passeio que os educandos estão acostumados a fazer com as professoras para reconhecimento do território. A ida para Ibiúna foi uma experiência de excelente compreensão de resistência, pois a Mila e sua equipe passam por dificuldades para trabalhar com esse tipo de metodologia, uma vez que naquela pequena cidade tem havido especulação por parte do poder público que desconfia do trabalho das professoras e dos estudantes.

i. Encontro final ANE 2018

A participação no encontro de final de ano na chácara do Prof^o Valdo e da Prof^o Susan foi diferente do ano passado pois agora eu vivenciava como estudante. Participar das dinâmicas foi incrível e um dia cheio de aprendizados. Através de como agíamos nas equipes poderíamos nos perceber e fazer comparações com nossas práticas diárias. Uma das dinâmicas que mais gostei foi a dos 3 planetas, mediada pela querida Prof^o Susan, acabamos percebendo que uma das nossas maiores fragilidades é possuir uma comunicação efetiva, ainda

mais complicado por sermos todos diferentes. Dias atrás eu estava refletindo justamente sobre minha dificuldade em me comunicar e o quanto isso afeta no desenvolvimento do meu trabalho tanto na escola quanto no projeto. Outra dinâmica muito interessante foi a dos sapatos, em que tínhamos que possuir astúcia e união para executar um trabalho que envolvia toda a equipe. Foi com a caminhada às cegas que tive certeza de uma grande dificuldade que tenho, que é a de executar minha liderança, a proposição de caminharmos por uma área com árvores, arbustos e outros "matos" baixos não parecia ser tão desafiadora até todos saberem que seria com os olhos vendados. Eu já tinha participado da outra vez como ajudante e sem vender os olhos, por que fui como guia, dessa última escolhi guiar o grupo para me colocar à prova. Por mais que eu sabia como a prática funcionaria, queria me sentir de olhos vendados guiando um grupo de, mais ou menos, dez pessoas por um trecho. Com essa prática percebi o quanto preciso melhorar com relação à minha insegurança, com a tomada de decisão em momentos de escolhas rápidas, em como devo me comunicar e assumir justamente: a liderança. Eu já vinha sofrendo com isso nas minhas intervenções no Projeto Ação Vagalume, inicialmente eu pensava que o ideal era ser uma organização horizontalizada para possibilitar a autonomia de cada um/uma que participa mas aos poucos fui percebendo que se deixar à liberdade de cada um/uma executar o que deve ser feito, sem ninguém necessariamente "mandar", as coisas não são feitas. Eu acreditava que com o engajamento cada um/uma assumiria suas responsabilidades, o que eu fazia era abrir para as necessidades e demandas práticas que tínhamos que executar. Tive voluntários/membros do projeto que, por experiência, conseguiam assumir sua autonomia permitindo a não-centralização em mim (idealizadora, realizadora do projeto e "proprietária" da chácara Corta Vento). A dinâmica do caminho às cegas bem como a construção do coletivo Ação Vagalume me mostraram que devo assumir um equilíbrio. Paulo Freire em seus belos escritos sobre a educação voltada para a gestação da autonomia nos indaga legitimamente sobre liberdade x libertinagem e autoridade x autoritarismo. Entendendo que não se não nasce com autonomia, ela é conquistada gradualmente em um processo que consiste no amadurecimento do ser, o educador deve se permitir à escuta como também é necessário falar mas sem a imposição da verdade para não ser educação bancária, por isso é um processo dialógico em que os educandos aprendam a fazer uso responsável da

palavra quando o educador possibilita uma comunicação não licenciosa e nem autoritária mas sim com a disciplina do silêncio (não o silenciamento), pois o educador e educando devem ser sujeitos do diálogo.

“O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade” (FREIRE, 2000a, p. 99). Assim o autoritarismo não é mais autoridade, mas abuso de autoridade, a licenciosidade não é mais liberdade, mas depravação da liberdade. Ambos são nocivos à autonomia, já que o autoritarismo mantém o educando excessivamente dependente da autoridade e poda a liberdade de escolher e fazer por si mesmo. Já a licenciosidade impede a aprendizagem da auto-responsabilização e permite que o educando se torne dependente dos próprios impulsos e desejos. Tanto a dependência excessiva da autoridade externa quanto a dependência dos próprios impulsos são formas de heteronomias, pois impedem que o sujeito haja de acordo com sua própria lei, impedem que o sujeito seja ele mesmo.

Meu maior desafio têm sido acessar esse equilíbrio, esse agir para a liberdade e a autonomia sem autoritarismo e imposição da verdade. Credito essa dificuldade por ter tido uma educação relativamente limitante na aceitação de mim mesma, o que afetou minha autoestima e o exercício de ser eu. Por ter nascido mulher me foi construído uma barreira ainda maior a ser quebrada, haja visto que a interiorização de certos padrões, do "ter que ser", da cobrança de como se senta (pernas cruzadas), de como se fala (falar baixo) de como se porta (não ser vulgar), de como se agita (sem muitas opiniões), de como se deseja, enfim, é como a gente se vê mas é também como a construção do outro/outra e que nos vê. Faz parte da minha história a noção de horizontalidade, por isso tive e tenho dificuldades com hierarquias.

j. III Conane Caiçara 2019

O término da formalização na especialização da Ane foi com a Conane Caiçara, espaço para apresentação dos projetos desenvolvidos no período da pós mas também como espaço de palestras de educadores como Tião Rocha, Sônia Goulart (que inclusive, fez um momento de escuta dos estudantes dos pontos

positivos e negativos da Conane Brasília e deu sugestões para a elaboração da Conane Caiçara), Celso Vasconcelos, a educadora trans Meggie (indicação do estudante Luiz). A Conane Caiçara da turma que eu participei como estudante formal foi sensacional pelo universo de aprendizados centrados em educação fora da caixa.

Agradeço enorme e infinitamente a possibilidade de ter levado alguns dos estudantes que participaram do Ação Vagalume na Conane, pois foi a maior emoção que pude sentir enquanto educadora irrequieta com a escola. Ouvir dos meus alunos da escola querendo relatar o que vivenciamos no Ação Vagalume me fez realmente acreditar que estávamos no caminho "certo" da educação (não acredito no certo e no errado mas sim em caminhos). Convidei os estudantes que participaram da última Ação do Vagalume do Colégio São Cristóvão. Falei com a direção que permitiu levá-los à Matinhos mas não teve muito interesse em saber o por quê. A animação dos estudantes foi excepcional e a presença deles na UFPR Litoral foi de imenso aprendizado para todos. Organizei a logística de modo a levar o aluno em transição Derick eu gostaria que ele assistisse a palestra da Profª Megg. A família do Derick ainda o conhece como Daiane, pois ele decidiu assumir o seu gênero somente depois de sair de casa, apesar de seus pais apoiarem a maioria de suas decisões, ele acha que essa é uma ruptura muito grande. Conheci esse ser maravilhoso na roda de conversa sobre identidade de gênero, ação do amigo que fiz na Ane, o Luiz e do Coletivo de homens trans Apollo. Peguei esse aluno na casa dele às 6:40, depois peguei o Luiz e a namorada dele e seguimos para Matinhos. A responsabilidade com a saída do ônibus com os estudantes do São Cristóvão ficou para o Fábio (voluntário do Ação Vagalume) e para a Bianca (prof de Sociologia da escola que também foi voluntária na última Ação Vagalume), deixei uma lista com os nomes de todos que foram autorizados pelos pais e ônibus foi lotado com os estudantes do Emancipa (cursinho popular, projeto da Marcieleh) e do Vagalume. Quando chegou o ônibus com os estudantes foi uma alegria, aos poucos eles foram se enturmado e analisando a universidade, alguns me ajudaram a colocar a instalação do banner do Vagalume e arrumar o datashow para passar o vídeo institucional. Foi tudo bastante corrido e fui almoçar só depois de conseguir instalar o computador e o datashow, o que me fez perder o horário do RU. Pela tarde teve a apresentação da peça da Daiane e depois houve a sugestão de falar de nossos projetos no auditório mesmo. O Douglas nos

presenteou com um vídeo do que está fazendo em Heliópolis e na sequência apresentamos o vídeo feito pelo SBT sobre o projeto Ação Vagalume, os estudantes que deram entrevista e participaram do projeto se viram no telão do auditório e sentiram a necessidade de falar um pouco sobre o que vivenciaram quando foram na chácara. Foi impossível segurar o choro de emoção, cada um/uma falou lindamente sobre o que sentiu e como vê a importância desse projeto em suas vidas e na de outras. Eles falaram da urgência em mudar as estruturas físicas e subjetivas da escola para que os estudantes tenham mais participação no processo educativo; dentre elogios que me causaram alegria, emoção e espanto por não saber o tamanho da efetividade das nossas ações em suas vidas; fiquei tímida por saber que temos um longo caminho a percorrer e muito a melhorar.

FIGURA -06 – ESTUDANTES DO COLÉGIO SÃO CRISTÓVAO QUE PARTICIPARAM DO AÇÃO VAGALUME E DA CONANE CAIÇARA



Depois da saída do auditório foi a vez da nossa organização com os jovens, a mediação da tarde era de minha responsabilidade, da Marcieleh, da Ana Márcia, da Laila e do Douglas, com a participação ativa da Prof^o Susan. Começamos com a sensibilização feita pela querida Maria Thompson, que levou-nos à sutileza do toque nos corpos e nos conduziu a sentir-nos como parte do outro, fazendo-nos imaginar como trepadeiras, raízes que se conectam. Depois houve uma fala rápida de como cada um/uma se sentiu, interessante ver como

cada ser é único mesmo e como as interpretações podem variar. Depois desse momento houve a partilha dos projetos que integram a Ane e quem se sentia à vontade para falar comungava o centro da roda com mais duas pessoas. Foram relatos de quem participa dos projetos e das autoras/es dos mesmos, um rico momento para sabermos o que e como estamos trabalhando com os/as jovens. Sinto que esse momento ficou um pouco cansativo, imaginei fazer algo mais dinâmico, mas infelizmente o pouco tempo para a organização e falta de possibilidades de encontros ao vivo nos fez perder a oportunidade de criar algo mais interessante, fizemos o que podíamos e com a ajuda da improvisação. Fica como sugestão para a próxima turma Ane: deixar mais tempo de "aulas" da Ane para a organização dos grupos em torno de objetivos em comum nos eixos, pelo menos três encontros; possibilitar encontros "ao vivo" em horários possíveis para a maioria, para se permitir a construção de um evento feito a várias cabeças pensantes, inevitavelmente vai haver a intervenção maior dos/das professores/as que entendem como é a universidade, que possuem contatos com educadores renomados, que possuem mais experiência, que veem a estrutura toda do evento, etc, mas o que acho que não deveria é haver uma centralização da informação do que vai acontecer e das decisões sendo que o operativo vai ser dos estudantes. Demandar dos estudantes que façam depois de uma organização pronta, não pode ser um tipo de educação democrática, tampouco horizontal e coletiva. Senti que faltou maior participação dos estudantes nas decisões, já que era requisito para obtenção do título de especialista em Alternativa para uma Nova Educação. Ficou um pouco difuso quanto à responsabilidade na organização por ninguém ter assumido papéis do que faria, a não ser a apresentação do seu projeto. Com a organização horizontalizada poderia ter se colocado maior grau de responsabilidade, sendo consentida, por interesse daqueles que se sentem no dever de cumprir com certas tarefas, aí vem a possibilidade de se construir a autonomia.

No mais foi um dos mais belos momentos que já vivi na educação, ficará registrado em minha memória como uma linda recordação e que toda vez que penso me deixa alegre. Foi gratificante ver os projetos de meus colegas/amigos Aneanos que durante um ano e meio construíram possibilidades para uma educação contra hegemônica e mostraram como os executaram. Muito orgulho em ter composto essa turma tão ativa e engajada, aprendi muito com cada

um/uma. Posso dizer que tive mais afinidade com alguns mas fiz amizade com muitos, que me recebiam alegremente quando nos víamos. Alguns vão morar especialmente em meu coração por terem sido pessoas que fizeram a diferença na minha vida, quero deixar um grande abraço às minhas amigas e amigos que me fortaleceram durante o processo, tenho um carinho enorme pelo Luiz que com sua sensatez, segurança e dinamismo me ajudou a ter outros olhares, além de sua participação com seu coletivo na escola em que trabalhava; a Marcieleh, uma pisciana muito compreensiva e preocupada com o empoderamento das mulheres nas trocas afetivas, além de seu papel fundamental na organização da oficina de gênero do Vagalume e indicação do Lucas Vori (um rapaz que participou da oficina de compostagem); a Ana Márcia e seu projeto para fortalecer as mulheres e as gentes da periferia, com seu discurso duro, de mulher calejada mas de pura emoção, sentimento, amor e de puro cuidado com os mais oprimidos; o Bruno, parceirão da sociologia que conheci no festival de jazz de Antonina, quando o falei sobre a Ane, sendo assim nos tornamos muito próximos pois adoro o jeito tão verdadeiro desse menino, sua humildade e abertura; as meninas de Palhoça Renata, Mariama e a Lisa (que infelizmente teve que desistir por uma grave questão de saúde) me foram pessoas espetaculares que tive a honra de conhecer, cada uma delas com sua força me encorajou a enfrentar meus próprios monstros e os monstros externos, estivemos juntas o quanto foi possível e conversávamos muito sobre nossos desafios. A Daiane é um amor e nos conhecemos melhor na ida à Brasília, tivemos muito afinidade e tenho enorme admiração por ela; com a Valquíria tivemos ligação praticamente instantânea; com a Silvana atriz morri de rir todas as vezes, como gosto dessa mulher; a Laila, a Daniele Fortes, a Vandra, a Patrícia do Macramê que é minha querida e entrou na UFPR, adoro essa menina e a força dela, também porque sempre estamos prontas a nos aventurar; a Goreti é fenomenal, sua energia gostosa é uma inspiração para qualquer um. De maneira geral conheci muita gente de coração aberto, de afetuosidade, de empatia, de verdadeira preocupação e solidariedade com o próximo.

5. PROJETO AÇÃO VAGALUME

Finalmente agora vou contar um pouquinho do que foi esse projeto do qual tenho muita satisfação em dizer que é resultado de alguns dos meus sonhos mais

bonitos. Inspirada por minha experiência, mas e, principalmente, por minha intuição de que algo deveria ser feito rapidamente para ensinar as pessoas a se virarem em tempos de crise e de escassez. Buscar melhores soluções diante de um caos em que não se possa mais depender de serviços exteriores daquilo que você mesma/o, com um pouco de dedicação, pode fazer.

Desde muito jovem comecei a fazer trilhas em montanhas, saía cedo de casa e enfrentava o clima que fosse para estar nas alturas. Subir uma montanha tem muito mais a ver com a caminhada do que necessariamente chegar ao topo. Esse aprendizado aliado às viagens para acampar com a família me estimularam a ser uma alma aventureira, de querer descobrir mais do que aquilo que eu poderia ter em meu cotidiano.

Também tive noção de racionamento, vó colocando bacia em baixo da pia para reutilizar a água, economia de banho, de luz, de telefone, de dinheiro, vender e comprar roupas no brechó, etc. Outra coisa que aprendi desde muito nova é dar valor aos bens materiais, cuidá-los com o receio de não tê-los. Isso é muito diferente de apenas ter um bem para consumi-lo e depois jogá-lo fora, descartar sofás, camas, guarda-roupas, conjuntos de cozinha, sofás, televisão, rádio, computador, era impensável dispensar sem precisão, isso com o passar do tempo se estende para as roupas, as sacolas, o chamado “lixo” reciclável e orgânico.

FIGURA -07 – LEMA DA ECOLOGIA AMBIENTAL PARA COMPORTAMENTOS DE CONSUMO



O Projeto Ação Vagalume nasce de mais uma inquietação, só que essa veio com um sentimento profundo de imaginar a sobrevivência em um planeta condenado à sua aniquilação. Foi através de forte intuição que desenho algo do que poderia vir a ser um projeto voltado à preocupação com o ser humano individual e coletivo, a natureza, a Terra e o universo como um só.

O nome atual faz analogia a um dos seres voadores mais interessantes por sua particularidade: a emissão de luz. O “Ação” aparece posteriormente para diferenciar de outros projetos que levam o mesmo nome, também serve para colocá-lo enquanto a ação que o projeto exige enquanto autonomia, interdependência. A logo foi criada pela minha ex-aluna do Col. Barro Preto e participante do projeto Gabriele Lima, junto com seu amigo, o estudante de física, Victor Welington. A partir de algumas sugestões com a ideia de parecer um carimbo, algo redondo para denotar circularidade no movimento e também que parecesse algo interessante ao jovem, pois o nome remete a infância. Sendo assim, surge com muito talento a logo mais linda que já vi na vida (pausa para o riso do convencimento), que se você a virar do outro lado é possível ver uma flor de lótus.

FIGURA -08 – LOGO OFICIAL DO PROJETO



Os vagalumes são seres luminescentes, que produzem energia e a emitem em forma de luz. Segundo contavam os indígenas, encontrar vagalumes no caminho é sinal de bons presságios, pois acreditavam que sua morte seria o mesmo que espantar a luz da casa. Nesse sentido, a escolha do nome se dá por

priorizar a emissão de luz própria dos sujeitos orientados pela busca do conhecimento e da consciência, ou seja, uma autonomia criativa particular, mas também dá o sentido de “voltar para a casa”, para a nossa natureza. Portanto, o papel do estudante/educador deve ser de sujeito atuante na construção da própria história e da sociedade da qual faz parte, aprendendo a agir em sintonia com a mãe Terra. Tendo como princípio a educação para vida; o contato com a natureza é uma maneira de despertar a imaginação, a criatividade, a curiosidade e as dúvidas que, por vezes, não fazem parte da rotina. Com a integração do meio ambiente e atitudes humanas mais conscientes buscamos lembrar valores tais como *ética, responsabilidade, organização e cooperação*.

É uma iniciativa voltada principalmente para as Juventudes, esse fato é por haver uma espécie de hiato nas metodologias alternativas de educação, também devido a nossa maior proximidade com esse grupo. Como nada é estático tampouco determinado, nada nos impediu durante o processo Vagalume, de colocar em prática as intergeracionalidades. Buscamos trabalhar com o enfoque nos jovens, mas fizemos ações com crianças e adultos, podendo adentrar no desconhecido/conhecido, como o novo/velho que se transmuta em saberes essenciais a qualquer geração.

“Nesse percurso de lutas por existência e garantia de direitos, sabemos que os papéis sociais são identidades provisórias e em movimento, em constante conflito com as convenções e interações culturais. Sabemos que hoje os papéis sociais estão mais estruturados, no sentido de pensar a função dos sujeitos diante de seus estágios da vida. De modo geral, hoje nossa sociedade entende a infância como tempo de proteção, de brincadeiras e de intensidade no aprender. Vemos a adolescência como o momento de “adolescer” do corpo e da mente, com manifestações de crises frente ao universo adulto e lutos pela perda do corpo infantil. Entendemos os adultos como centralidade e autoridade social, com responsabilidades próprias, de constituição familiar, reprodução sexual e autonomia financeira, e vemos a velhice como o tempo do descanso, do cuidado, da longevidade ou da expectativa de vida. O lugar do jovem em nosso mundo, no entanto, ainda está sendo configurado e definido.” (LINHARES, R., EVERTON, S, 2013).

Falando sobre dualismos, são oposições existentes no *continuum* da vida social como o branco/preto, homem/mulher, céu/inferno, bonito/feio, certo/errado, jovem/velho, dia/noite, magro/gordo, ativo/passivo, direita/esquerda, alto/baixo, grande/pequeno, herói/vilão, mocinho/bandido, capitalismo/comunismo, colonizador/colonizado, reto/torto, normal/louco, etc. Todos eles presentes no

imaginário coletivo, no que Carl Jung chamaria de inconsciente coletivo, a ideia projetada desde a mais tenra idade e que têm consequências nas ações cotidianas de forma inconsciente, por vezes inconsequente, meramente executada. Se perceber, todos os que vêm “por primeiro” são os padrões definidos como “normais”. “Se não é um, só pode ser o seu oposto”, pensam os conservadores bidimensionais, outros chegam a ser tridimensionais achando-se progressistas nas suas conclusões sobre liberdade, mas que podem recair facilmente em avatares fascistas sem nem mesmo saber o que isso significa. Por esse motivo, pretendemos ser/estar atuado nas ambivalências, heterogêneses (como Guatarri e a ANE que partem do processo contínuo de ressingularização), preferindo o “vir-a-ser” do que a aceitação simples de um humano “de bem” ou “certo”, “feliz”. Não que essa forma de pensar e agir seja fácil, simples... não é. Por conta, várias subjetivações podem surgir desses processos sujeitáveis.

FIGURA -09 – INTERTERRITORIALIDADES COM A PRESENÇA DO CASAL DENISE E JOSIAS (ASPIRANTE A CACIQUE) DA COMUNIDADE ALDEIA ARAÇA-Í DE PIRAQUARA – PR 12/09/2017.



Possibilitamos um dia de vivência na chácara Corta Vento, com educadores mediando aulas de cozinha, de reconhecimento da vegetação e fauna nativas, alternativas sociais, re-conhecimento do corpo e do ser. Nos colocamos como um grupo de voluntárias/os dispostas/os ver a diferença no mundo, queremos despertar as potencialidades existentes em cada um/uma; ver germinar novas soluções para velhos problemas da humanidade. Através do conceito das 3

Ecologias para o autor Félix Guatarri: Mental (subjetivo), Social e Ambiental; trabalhamos para o reconhecimento da Autonomia, da Responsabilidade, da Organização e da Cooperação dos estudantes. Fazemos uma educação preocupada com o futuro do planeta, da Terra, Pachamama, Gaia, portanto, tentamos partir de uma cosmovisão.

“O princípio comum às três ecologias consiste, pois em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitem torná-lo “habitável” por um projeto humano. É essa abertura práxica que constitui a essência desta arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar⁵ os Territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade. Assim sendo, esclareçamos que não se trata para nós de erigir regras universais a título de guia de tais práxis, mas ao contrário, de liberar as antinomias de princípio entre os três níveis ecosófico ou, se preferirmos, entre as três visões ecológicas, as três lentes discriminantes aqui em questão.” (GUATARRI, 1990).

Depois de 5 dias em solitude na chácara Corta Vento entendi a mensagem sobre a responsabilidade a seguir em caso de falência do *modus operandi* do humano pós-moderno. Aí aparecia minha questão fundamental com relação ao projeto, como realizar e educar a respeito de algo que nem eu mesma vinha conseguido no decorrer da minha vida? Os ideais anarquistas pautam-se pelo empenho de seus militantes no sentido de fazer a revolução social uma ação cotidiana, consciência essa, que me colocava no dilema. Se eu falar a respeito de mudar *habitus* e não tentar mudar, serei eu mais uma que fala o que deveria fazer mas não faz; eu e quem participar como educador/a do projeto. Algumas situações de organização da vida prática cotidiana na responsabilização do cuidar do “lixo”, da mudança de hábito alimentar, hábitos de consumo, podem ser mais “facilmente” alteradas; enquanto outras as dos territórios existenciais ainda aparecem como “fantasmas”, pavores, angústias, culpas.

Ao ler Félix Guatarri me deparei com uma das maneiras mais inteligíveis de práxis na educação. De modo resumido em seu livro complexo “As três ecologias”, ele compartilha do que eu diria “realismo esperançoso” para Ariano Suassuna: “o otimista é um tolo, o pessimista um chato. Bom mesmo é ser um realista

⁵ A raiz *eco* é aqui entendida em sua acepção original grega: *oikos*, que significa casa, bem doméstico, *habitat*, meio natural.

esperançoso”. Guatarri, um homem de vanguarda, pós-estruturalista, polêmico, aventureiro, multiface, que foi preso por defender a homossexualidade, não se formou em nenhuma dos cursos que tentou sem que isso fosse empecilho para engendrar diversos movimentos, sejam eles sociais, teóricos, éticos ao seu tempo. Criou com a intercessão de Gilles Deleuze a “esquizoanálise”, sistematizou três grandes dimensões das quais necessitam recomposição dos objetivos e dos métodos do conjunto do movimento social nas *condições de hoje*: As três ecologias.

Por conta das iminentes crises ambientais, sociais e psicológicas atuais, é necessário repensar o modo de vida humano planetário. Estamos vivenciando grandes mudanças nos ecossistemas locais tais como, vendavais, tormentas, desmoronamentos, deslizamentos, enchentes. No campo social, temos visto violências, ódios, separações, dualismos exagerados. E no psicológico anseios, complexidades, medo. Uma ética que corresponda aos anseios humanitários e de consciência com a natureza é o que permeia as performances desse encontro, possibilitar pensar a multidimensionalidade humana em sua expressão de, no mínimo, certa coerência com aquilo que a permeia. O contato com a natureza de maneira consciente ressalta a importância de pensar em alternativas para os danos e a responsabilidade de preservação ambiental das florestas, das águas, dos solos e dos animais, bem como em alternativas para solidarizar as gentes a agir em coletivo e repensar em si mesmo (a) como agente de mudança.

A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do socius. Ela jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão, ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta, e em ‘intenção’, infiltrando-se no seio dos mais inconsistentes estratos subjetivos. (GUATTARI, 1990)

“Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas e universos de referência sociais e individuais.” Universos de Referência. Universos de Referência. Temos que dar-nos conta do que estamos admitindo.

“Tanto quanto algas mutantes e monstruosas invadem as águas de Veneza, as telas de televisão saturadas de uma população de imagens e enunciados “degenerados”. Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City, para “renová-los”, aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar *homeless*⁶, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental.” (GUATARRI, 1990).

Não sabia Guatarri, em seus escritos de 1989, que o empresário Donald Trump tornaria-se presidente dos EUA e que colocaria em prática seu ultraneoliberalismo, e nem que Jair Bolsonaro assumiria a presidência do Brasil seguindo os mesmos passos do seu guru (Trump), edificando o fascismo e a necropolítica⁷ na história recente, como tanto previa e temia nosso autor.

Temos que trabalhar com a realidade como está posta, sem idealizar mundos hipotéticos e de difícil alcance, apesar da minha particularidade que é gostar muito de sonhar. A **ecologia ambiental** refere-se à urgência em se comprometer com os danos feitos à natureza e defender novos programas de defesa e responsabilidade.

⁶⁶ Significa literalmente “sem lar”. O termo designa dos Estados Unidos um fenômeno urbano comum às metrópoles contemporâneas: pessoas que moram nas ruas. Tal população é em geral de dois tipos: por um lado, aqueles cuja pobreza os impossibilita de pagar o aluguel e, por outro lado, os “loucos”. Em Nova York, com o movimento de despsiquiatrização próprio dos anos 70 e 80, aumentou muito o número de “loucos” morando nas ruas. O termo *homeless*, hoje designa um movimento organizado naquela cidade pela aquisição de moradia, semelhante ao “movimento por moradia” existente em São Paulo. (Guatarri, pag 26)

⁷ É a expressão máxima da soberania que reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, Achille)

FIGURA -10 – JOÃO DROSDEK MEDIANDO OFICINA DE TÉCNICA DE ESTQUEAMENTO, 01/12/2019.



A **ecologia social** deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, para que o respeito e a cooperação se tornem consciência nas relações étnicas, feministas, antirracistas, antipobreza, antimanicomiais, etc. “Sem se tratar com palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas, mas sim em uma perspectiva ético-política que atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de um criação artística libertada pelo sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais, etc. Tal problemática no fim das contas, é a da produção da existência humana em novos contextos históricos.” (Guatarri pág 15).

FIGURA -11 – VIVÊNCIA COM CRIANÇAS, JOVENS E MÃES DE ESTUDANTES DO PROJETO DE JUDÔ UNIÃO DA VILA TORRES – CURITIBA-PR. SUBIDA NA MONTANHA COCCINELLE, 12/12/2017.



Do mesmo modo que essa produção de subjetividade – isto é, de conhecimento, de cultura, sensibilidade e sociabilidade – dizem respeito a sistemas de valor incorporal, ou seja a **ecologia mental**. Essa última tratar-se-á de dar conta dessas práticas menos em termos de verdade científica que em função de práticas inovadoras, centradas no respeito à subjetividade, singularidade, autoconhecimento que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade. Pode parecer sonho mas quando o colocamos em prática não parece ser algo tão distante do que poderíamos crer, pois a mudança pode existir no pequeno, no pouco, no lento e os territórios existenciais podem ser trabalhados na organização, no labor daquilo que se propõe a ser feito mas com uma metáfora particular qualquer que faça daquilo um sentido. Quem está aberto consegue vivenciar metaforicamente uma experiência como essa e escolher por onde quer veicular. O princípio é coletivo a as dinâmicas propiciam olhar-se no espelho, vendo no/a outro/a o que pode perceber a si mesmo/a em nuances nada determinadas, sem fronteiras. Não queremos nos ocupar com frivolidades, metas banais, avaliações padronizadas e sim com o ganho humano que pode ser a proposta do pensar diferente.

Nosso autor, égide do projeto, sugere uma transformação sob a lógica ecosófica, ou seja, a junção da ecologia com a filosofia, para pensar o ser humano de forma integrada e compreensiva em todo o processo global em que estamos

inseridos, compartilhando um mundo de diversas culturas e seres, movendo-nos através de uma visão que propõe um questionamento profundo acerca das normas, premissas sociais e práticas cotidianas.

FIGURA -12 – OFICINA DE TAI CHI CHUAN COM A MEDIAÇÃO DA PROF^a MARILENE. O CUMPRIMENTO NO TAI CHI É MÃO DIREITA FECHADA REPRESENTA O YANG, O SOL, A FORÇA, O MARCIAL, ISTO É, SIGNIFICA QUE VOCÊ DOMINA UMA TÉCNICA DE ARTE MARCIAL. A MÃO ESQUERDA ABERTA REPRESENTA O YIN, A LUA, A FILOSOFIA, A TÉCNICA, O CONHECIMENTO, A RAZÃO E A ARTE. EM CHINÊS, AO UNIR O SOL (日RÌ) E A LUA (月YUÈ) DÁ-SE ORIGEM A CLARIDADE. A PALMA ESQUERDA ABERTA CONTRA A DIREITA FECHADA SIGNIFICA QUE O SEU CONHECIMENTO CONTROLA A SUA FORÇA, QUE VOCÊ É UM PRATICANTE DE ARTES MARCIAIS, MAS QUE VEIO EM PAZ, OU SEJA, TEM BOAS INTENÇÕES EM SEU CORAÇÃO. 08/12/2018.



Na leitura do que poderíamos fazer enquanto Vagalumes, buscamos empreender dinâmicas em UM solo DIA na chácara Corta Vento para propiciar um encontro com a natureza e reflexões sobre nossa responsabilidade no planeta. Muito distante de um ideal, mas pautando um caminho, buscamos enaltecer algumas características fundamentais na convivência prática da vida pós-moderna. Tenho muitas dúvidas na diferenciação de autonomia e independência, mas percebi que a independência pode ser um processo solitário, enquanto autonomia acontece no compartilhar daquilo que se percebe independente mas, necessário para que cada um/uma faça a sua parte num todo/pequeno. Nos afazeres, em grupos isso pode parecer bem evidente para aquele/a que tem a

empatia: aos trabalhos invisibilizados, sejam eles quais forem, precisam ser vistos, compartilhados, sentidos de alguma maneira ambivalente.

FIGURA -13 – RODA DE CONVERSA SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E TROCA DE CONHECIMENTOS, 08/12/2018.



Enquanto núcleo comum de compreensões sobre o que seria o caminho do que tentava traçar ideologicamente vejo que estávamos entre eu, Gabriela Viola, Fábio Nascimento, meu pai João Drosdek, meu grande parceiro e apoiador desde o início, Mateus Lisboa, Mayara Viera, Jatobá e Thainá (pós-ocupações), depois a Marilene (Tai Chi Chuan) foi de extrema colaboração com sua experiência, lucidez e vontade de crescer junto, apesar de não querer inserir-se totalmente devido a sua experiência anterior no Projeto Raízes em São Francisco do Sul - SC . A visita feita com o Projeto Griot/Desalienado com a coordenação do Vinicius foi de um aprendizado fenomenal e tivemos uma troca fantástica de conhecimentos interinstitucionais. A visita do projeto de judô das crianças da Vila Torres foi um dos mais marcantes de toda a história do Vagalume, um dos maiores desafios que já tivemos. Foram tantos voluntários extremamente importantes para o acontecimento das vivências que, sem eles, não teria conseguido, pois “sonho que sonha só é só um sonho, sonho que se sonha junto torna-se realidade”. Nos últimos encontros, tínhamos a participação nas vivências e nas reuniões de estruturação do projeto, da assistente social Jaqueline e do sushimen Alison, não teríamos dinamizado tantos afazeres sem eles. Alguns dos agentes da mudança

conheci através da ANE, como por exemplo, a Marcieleh, grande amiga que criou uma oficina de gênero, junto dela conheci o Lucas Vori, que fez uma explanação didática sobre compostagem. Foi através de uma visita na Aldeia Pindoty (Paranaguá) conheci os gigantes da agroecologia da UFPR Litoral: Juliano, Kairon e Gregório, nos ensinaram métodos eficazes de plantio profundo. Sou muito grata a todas essas pessoas e a nossa construção coletiva, muitos aprendizados que serviram para o aprendizado dialético e de amadurecimento.

FIGURA -14 – VOLUNTÁRIAS DEDICANDO SEU TEMPO PARA A CONSTRUÇÃO DAS VIVÊNCIAS, DESDE O PRÉ-PREPARO, TROCA DE SABERES COM A COMUNIDADE LOCAL, CRIANDO E MEDIANDO OFICINAS, A LIMPEZA E ORGANIZAÇÃO. FOTO DE MATHEUS LISBOA, 07/12/2018.



Pensando de forma sistêmica, mas abrangendo as pequenas relações como meio de se tornar consciente, propusemos um dia de viagem ao desconhecido-conhecido. Um dia em que vamos observar e sentir a presença da natureza com coisas simples, como respirar, sorrir, a amizade, o alimento, a troca, o ofício, etc. A ecologia que busca a sensibilidade do sujeito, a semente de um novo dia. Nos colocamos contra toda e qualquer forma de racismo, machismo, homofobia, gordofobia, preconceito de classe, “bullying”, preconceito contra deficiente, imigrante, trabalhador do campo. Isso tudo no ideal do que o projeto se

propõe enquanto essência, na prática em meio às subjetividades não foi tão possível assim, pois cada qual, em suas nuances, interiorizamos preconceitos.

a. Manifesto Educadores Vagalumes

Esse grupo tem como fundamento repensar, recriar e construir outros olhares para a educação. Em momentos de graves tensões contra os trabalhadores precisamos conscientizar nossa classe visando aspectos de pequeno, médio e de longo prazo. A educação é um dos pilares de grande impacto na transformação social, por isso acreditamos no desenvolvimento de projetos inovadores nessa área para estimular os estudantes a seguirem caminhos e que eles se sintam seguros para viverem seus sonhos reais. O que nos une, é a vontade de ver o diferente acontecer, é acreditar que podemos mudar certos padrões opressores da sociedade. O enfoque desse grupo é a educação para a liberdade, libertária, libertadora, socialista libertária, de autogestão, responsabilidade e trabalho de base.

Pensamos no planeta como uma grande escola, unidos pela mesma espécie, mas separados por suas diferenças individuais (de experiência, história, interpretação, gênero, família, território, hábitos, costumes, etc), mesmo assim, desejosos por mudanças, praticamos a empatia e a amizade radical que vê no outro/outra irmãos de luta na barbárie.

Precisamos colaborar, mesmo que aos poucos, para tirar nossos jovens de situações de riscos, da exclusão, da alienação (educar para viver, viver para educar, educar para a vida). Sentimos como um propósito: aprender - educar – respeitar. Não nos apeguemos ao que nos separa e sim ao que nos une. Demos início aos trabalhos dos grupos de estudos com práticas a partir da práxis de aulas dinâmicas buscando a mediação de conflitos, podemos estudar meios libertários de transmissão/assimilação de conhecimentos, rompendo com a padronização dos métodos escolarizantes. Buscar que a prática anteceda a teoria, fazendo relatos de experiências, dinamizando as relações com possíveis novos membros fora e dentro dos espaços educacionais, construir redes de apoio e parcerias. Começamos com pouco, mas com vias de grandes mudanças, partilhando do um-conhece-o-outro, assim vamos unificando pessoas que estejam dispostas a

trabalhar para a construção da educação que queremos. Radicais na ação social visando fins; atuantes e necessários nos meios.

FIGURA -15 – VOLUNTÁRIOS/AS AO FINAL DE UMA VIVÊNCIA COM A PRESENÇA DA LIDERANÇA JOVEM INDÍGENA JAXUKA (VIVIANE), DA ESTEFFANY MEIRELES DO MOVIMENTO AFROPRETINHOSIDADE E DO PROFº DRº DE BIOLOGIA ANDRÉ DA SILVA DA UFPR. 12/12/2018.



Tentamos, com o Projeto Ação Vagalume, resignificar, contruir pontes, partir para iniciativas para além-escola que pudesse dar conta de incluir o invisível, os invisibilizados, os excluídos. Fazer arte concreta, ação dinâmica, cutucar os modelos e os padrões, reunindo gentes dispostas ao devir a ser melhorado. Por ser algo muito dinâmico, passamos por todas as INTER's da ANE, mesmo que nem todas as vezes tenham sido com elas juntas.

“Aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referência teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrados.” (GUATARRI, 1990)

O projeto ensinou-me a melhorar a cada encontro, percebemos nossa evolução na organização, nas oficinas, na sensibilidade, no olhar para o diferente, na atuação por uma educação contra-hegemônica. Somente de estar em meio a

natureza, com as montanhas e a vegetação nativa, já podemos considerar como um processo “curativo” para todos. Nossas oficinas foram alteradas a cada encontro nos adaptando ao que cadaicineira/o tinha a oferecer, mas buscando manter as bases das Três Ecologias, portanto sempre teve uma sequência no planejamento dos encontros de modo a organizar o dia em Ecologia Mental, Ecologia Social e Ecologia Ambiental. Obviamente não é possível isolá-los, eles acontecem em conjunção, mas as aulas de alongamento/Tai Chi Chuan/Respiração são parte da Ecologia Mental, enquanto as aulas de cozinha criativa compõem as três, mas principalmente a Ecologia Social.

FIGURA -16 – OFICINA DE COZINHA: DESCONSTRUÍDO PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO. BUSCAMOS UTILIZAR REFERÊNCIAS MASCULINAS PARA MINISTRAR AS OFICINAS DE COZINHA E LIMPEZA. 12/12/2018.



FIGURA -17 – A PARTIR DE DOAÇÕES E PARCERIAS ELABORAMOS UMA ALIMENTAÇÃO OVOLÁCTEOVEGETARIANA, DEMONSTRANDO A DIVERSIDADE DOS VEGETAIS E FRUTAS PARA UMA NUTRIÇÃO SEM NECESSARIAMENTE FAZER USO DA CARNE. PARTE DAS REFEIÇÕES É ELABORADA NO PRÉ-PREPARO E PARTE DO ALMOÇO É FEITO NA OFICINA DE COZINHA. 07/12/2017.



Durante o período em que estivemos atuando com o projeto, as principais oficinas que ocorreram foram: Caminhada pela Mata Atlântica relacionando a natureza com astronomia, Re-conhecimento da mata e dos animais, Tai Chi Chuan, Oficina de Alongamento e Respiração, Plantio Agroecológico na prática, Oficina dinâmica sobre Gênero, Diversidades, Racismo, Alimentação com reaproveitamento total dos legumes e vegetais, Cozinhar independente de gênero, Benefícios da compostagem, Jogos de interação social, Oficina de Montanhismo, Debates sobre alimentação sem carne, etc.

Tivemos a divulgação do projeto por dois canais de televisão: SBT e Evangelizar. Deixarei os links das gravações nas Referências Bibliográficas. Ficamos muito surpresos e lisonjeados por termos tido visibilidade nesses canais de comunicação, poderíamos ter aproveitado essa divulgação para conseguir doações, já que temos bastante dificuldade em realizar um dia de ações sem cobrar dos estudantes (na maioria das vezes o valor do ônibus). Fizemos a maioria das vivências recebendo doações dos alimentos e buscando reduzir o máximo o valor do transporte, uma vez que a prefeitura de São José dos Pinhais não empresta mais ônibus para as escolas estaduais. Estamos em processo de institucionalização do projeto para que possamos tentar editais, bem como para que tenhamos maior confiança de possíveis doadores.

“Como retomar o controle de tal situação que nos faz constantemente resvalar em catástrofes de autodestruição?”

Félix Guatarri

Tenho muito mais perguntas do que respostas diante das transformações do projeto e da sociedade. Por insegurança, auto sabotagem, fantasmas, desafios gigantes, etc., tive desejos de finalizar o projeto, afinal durante todo esse processo estive trabalhando como professora na escola, não podendo dedicar-me inteiramente ao que realmente acredito. No momento em que relato esse memorial, soube do meu desligamento como professora devido a uma grande injustiça. Sendo assim, pretendo viajar com meu companheiro para buscar um lugar para morar e mudar de profissão, sem me desligar completamente do que é o Vagalume. Ainda não me sinto pronta a realizar tamanha responsabilidade, sei que preciso conhecer mais projetos, aprender, aprender e aprender. Só o futuro dirá os rumos desse lindo projeto. Todas as palavras do mundo não serão o suficiente para explanar o sentimento vivido, infelizmente não tenho muita habilidade em transformar sentimentos em palavras.

FIGURA -17 – VIVÊNCIA COM O PROJETO GRIOT DE FUTEBOL E DESALIENANDO – SÃO FRANCISCO, PARCERIA ENTRE PROJETOS AUTÔNOMOS DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS – PR. 12/12/2008.



6. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO

Estudantes que não manifestam curiosidade mesmo possuindo capacidades cognitivas, a escola também não motiva, não envolve afetivamente. Crianças e jovens com dificuldades econômicas tem mais dificuldade em interagir.

Buscamos na resiliência a satisfação das nossas “necessidades” que nos parecem tão reais e focamos nossa busca individual pelo “sucesso” (modelo/estilo de vida norte-americano. As frases que reproduzimos como “você também pode vencer na vida”, “você tem que ser alguém na vida”, são exemplos das exigências subjetivas desde a mais tenra idade e que se prolongam na vida adulta com o objetivo de não parecer um “fracasso” nesse sistema moral (sucesso x fracasso/perdedor ideologia bem representada nos filmes hollywoodianos). Para atingir esse modelo somos motivados a buscar um trabalho, do qual também já sabemos desde muito pequenos, pois brincamos com objetos que demonstram nosso futuro. Assim criamos nossas próprias ilusões com ajuda da instituição familiar, o reforço da instituição escolar, a perspicácia da mídia, das religiões, o apelo moral liberal, por vezes conservador, a tecnocracia, o narcisismo, as representações elitistas brancas, ricas, másculas, limpas ou o que Jessé de Souza percebe recentemente no Brasil como “A elite do atraso”. Frases como “quem cedo madruga deus ajuda” ou “o trabalho dignifica o homem” foram instauradas pelo anglicanismo ainda na Idade Média e motivada pela monarquia absolutista inglesa tendida à ascendente produção industrial e mercantil de tipo burguês com bases iluministas (sem que isso tivesse sido necessariamente “arquitetado”) e o que mais tarde viria a colaborar com a Revolução Francesa. De modo muito resumido entro nessa questão para enfatizar o que viria a ser hoje o pensamento das elites empresariais, corporações, monopólios, oligopólios aí calculadamente e dominante no globo, determinando “legalmente” o futuro do povo sem propriedade a um só: o trabalho. Seria muito bom se o trabalho fosse, para todos e todas, algo prazeroso, do qual fazemos para contribuir para o bem da comunidade não apenas submeter-se a fazer algo para viver. Portanto a escola, espaço que passa vir a ser público devido, primeiramente a necessidade dos filhos de burgueses (eram os mais próximos aos letrados, já que a maioria da população estava longe de ser alfabetizada), acessarem o conhecimento que era exclusivo das elites eclesiásticas mas, aos poucos também como estratégia de habilitar as gentes ao trabalho mecanizado, seja qual for a ordem de mecânica necessária para produzir sem muito pensar sobre o processo, isso foi estendido.

As capacidades intelectuais e afetivas humanas são construídas sob o mármore das instituições e ideologias capitalistas (ou a CMI de Félix Guatarri), portanto torna-se mais difícil a compreensão e participação nas mudanças sociais

que permeiam essas relações, pois parece haver apenas uma verdade. Processo complexo esse de ressignificação.

Nosso aprendizado se dá a partir de signos, que comportam um significado e um significante, portanto não precisaríamos de apenas objetos físicos à nossa frente para conhecermos; graças às nossas capacidades mentais e de imaginação podemos alcançar outras vias possíveis, como diria Albert Einstein: “A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação circunda o mundo.” Outra frase que nos anima para a curiosidade é a de Rubem Alves “Somente as perguntas nos fazem entrar pelo mar do desconhecido”. O ato de educar, segundo Aristóteles, é um ato político, isto é, a posição frente os estudantes, seus valores, crenças, ideias, etc. Este mesmo autor considerava que só se aprende fazendo, diferentemente do atual paradigma cartesiano-newtoneano que divide o ser humano como em peças a serem exploradas por diferentes grupos. O modelo prevalece diante da promoção de uma racionalidade instrumental, que serve aos interesses das classes dominantes, que pretendem influenciar com bases “científicas” na cisão entre corpo e mente, afastando o autoconhecimento e objetificando o sujeito afim de homogeneizá-lo, assim diminuindo seus poderes, suas infinitas e incontáveis maneiras de manifestação corporal, que através dos sentidos (reconhecidamente apenas 5 sentidos) podem ser livres em seu processo de individuação. O corpo não seria mais importante do que a mente e o cérebro, mas um conjunto integrado de vários subsistemas atuando conjuntamente em nossa vida social. Não há dúvidas de que o modelo racionalista trouxe avanços para a ciência e a tecnologia, mas ele superioriza e estigmatiza a mente em detrimento do corpo. A neurociência tem tido papel fundamental no avanço do conhecimento sobre o funcionamento do cérebro.

“Michel Blay e Christian Laval (2019) afirmam mesmo que, a neuropedagogia é a única verdadeira ciência da educação. Alguns, dão um passo mais e consideram que, “a partir de 2035, a educação tornar-se-á um ‘ramo da medicina’, utilizando os recursos imensos das neurociências, desse logo, para personalizar a transmissão e, depois, para otimizar bioeletronicamente a inteligência” (NÓVOA, 2020)

Para Antonio Nóvoa é preciso metaforsear a escola, já que não será possível sua destruição completa. Devemos ser capazes de construir uma proposta transformadora, a partir das múltiplas realidades e experiências já

existentes em todo o mundo. Levando a educação a espaços não formais, turmas heterogêneas, professores trabalhando em conjunto, currículo baseado em temas e problemas, valorizado a convergência das disciplinas e as dinâmicas de investigação.

A sociedade precisa rever de que forma quer cuidar de suas crianças e jovens, seus sentimentos e suas emoções na sabedoria implícita dos erros, que nos ensine a conviver com a desordem e o caos, que respeite a natureza, que tenha utopia e esperança realista, para que possam expandir suas capacidades intelectuais através de processos educativos que fortaleçam seu espírito criativo, sua capacidade de previsão, sua capacidade de imaginação e de ser sensível a si mesmo (a) e aos demais humanos com valores éticos de um humano em sua natureza, a de ser social.

“Os seres humanos, seriam, portanto, uma unicidade do ser que pensa, sente e age em um movimento dialético de mente, corpo e espírito, dá sentidos e significados de seus pensamentos e ações (re)criando e (re)construindo novos universos e novas anatomias.”

Paulo Freire

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar para minha trajetória me fez perceber que nunca estarei pronta do jeito como gostaria ou que deveria. Se eu não permitir-me ver incompleta e imperfeita, permanecerei empacada com fantasmas interiores que me assombram, me causam um medo de tal modo que, causam-me bloqueio. Por certo, é fazendo que aprendo, mas é também estudando que permito-me olhar para outras direções e esse deve ser um movimento constante.

Percebemos que um colapso do sistema está em curso, apesar de continuarmos mantendo-o. Devido a enorme complexidade da sociedade pós-estruturalista fica difícil tomar decisões que contemplem as múltiplas dimensões que perfazem os seres sem recair em separantismos.

Como lidar com as/os companheiras/as que também estão em processo de desconstrução/construção, com suas dificuldades materiais, com seus fantasmas, suas questões internas intrínsecas ao processo de socialização, cada

uma/um à sua maneira mas dispondo de ações, reações, lógicas ou ilógicas das semióticas produzidas pelo CMI (Capitalismo Mundial Integrado)?

Podemos nos juntar em certas questões, em outras não. Temos limites. Princípios. Confiança. Vamos onde nos sentimos seguros, em que podemos ser ouvidos sem falar muito. E quando você não se encaixa em nada? E quando nada faz sentido? Como lidar com isso na educação? Como lidar com quem sente muito? Não tenho dúvidas que a psicologia deve andar junto com a nova educação, mas enquanto isso não é acessível a uma maioria esmagadora, como possibilitar meios que transmutem as esferas do saber institucionalizado, para um saber necessário, que dê conta do cotidiano?

Como elaborar um modo de ser inventivo, criativo, transmutador? E o melhor, que isso seja contextualizado, factível, tangível? De alcance de muitos e não privilégio de poucos.

A obra de Guatarri não é, de modo algum, um fim em si mesma, permite reivindicar nossas qualidades de humanos conscientes diante dos desafios da nossa época. Com o *Ação Vagalume* tentamos projetar ideias e ações necessárias para o desenvolver desse sentido. Se conseguimos, não sei. O que sei é que trilhamos um caminho com bases sólidas no humanismo.

A Ane é caminho e interlocução com diferentes pessoas e possibilidades para uma ação educativa libertadora de paradigmas cerceadores da construção da autonomia. Seguiremos em rede, em parceria nas ações que visam a ruptura dessa estrutura normótica, padronizada, excludente, autoritária e focada nas necessidades econômicas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILMAGEM. Projeto Ação Vagalume no programa Negócios da Terra SBT. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ew7b7yZSadw&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3iSwvjG7PT61rlcmckYVUCQkcfLYJI27SUS_COSMMjM4Hyl9xBFI7rCrM> Acesso em 11/01/2020.

FILMAGEM. Vivência Ação Vagalume para TV Evangelizar <<https://www.youtube.com/watch?v=PdoWkfSe6LY>> Acesso em 11/01/2020.

Medicação para TDAH
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000300282

<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/08/05/ritalina-e-os-riscos-de-um-genocidio-do-futuro>

Indígenas paraguaios recuperam seu tekuá
https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/05/internacional/1436105747_370857.html

Casa Colméia
<https://casacolmeia.wordpress.com/estacao-ecologica-casa-colmeia/>

<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25^a ed. (1^a edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 1990.

LINHARES, R., EVERTON, S. **Estatuto da juventude, o reconhecimento das jovens e dos jovens como sujeitos de direitos.** São Paulo, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Ed.São Paulo, 2018.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Unesco, 2001.

NÓVOA, A. **A metamorfose da escola.** Oieras. 2020.